

CONVERGÊNCIA

ISSN 0010-8162

DEZEMBRO • 1999 • ANO XXXIV • Nº 328



✓ REFLEXÕES NO FIM DE UM MILÊNIO

✓ DEUS, MEU "PAI"?

✓ "EU E O PAI SOMOS UM" (Jo 10,30).
OS FUNDAMENTOS DE UMA
ESPIRITUALIDADE CRISTÃ

✓ JOVENS RELIGIOSOS,
ÀS VESPERAS DO III MILÊNIO.

✓ ANÁLISE DE CONJUNTURA

SUMÁRIO

Editorial	577
Palavra do Papa	580
Informe CRB	584
Artigos	587
Reflexões no Fim de um Milênio	587
<i>Frei Bernardino Leers, OFM</i>	
Deus, meu "Pai"?	599
<i>Ir. Maria da Conceição Corrêa-Pinto, CSA</i>	
"Eu e o Pai somos Um" (Jo 10,30).	
Os Fundamentos de uma Espiritualidade Cristã	610
<i>Pe. Jaldemir Vitório, SJ</i>	
Jovens Religiosos, às Vespas do III Milênio	
Aspectos Formativos de uma Tipologia	621
<i>Pe. Paulo Lisboa, SJ</i>	
Análise de Conjuntura. Outubro de 1999	631
<i>Pe. Virgílio Leite Uchôa — Assessor Político da CNBB</i>	

A ilustração da capa da *Convergência* é uma cópia do painel da XVIII Assembléia Geral Ordinária da CRB (1998), do autor Anderson S. Pereira, MSC. O painel chama a atenção para a importância da temática central da AGO — Novo Milênio e Refundação da Vida Religiosa.

ASSINATURA PARA 2000:

BRASIL: Terrestre ou aérea	R\$ 72,00
Número avulso (Brasil)	R\$ 7,20
EXTERIOR: Terrestre ou aérea	US\$ 85,00
ou o correspondente em R\$ (Reais).	

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.



convergência

Revista Mensal da

Conferência dos Religiosos do Brasil: CRB

ISSN 0010-8162

DIRETOR-RESPONSÁVEL:

Pe. João Roque Rohr, SJ

REDATOR-RESPONSÁVEL:

Pe. Marcos de Lima, SDB (Reg. 12679/78)

EQUIPE DE PROGRAMAÇÃO:

Coordenadora:

Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI

Conselho editorial:

Ir. Afonso Tadeu Murad, FMS

Pe. Francisco Taborda, SJ

Pe. Jaldemir Vitório, SJ

Pe. Cleto Caliman, SDB

DIREÇÃO, REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO:

Rua Alcindo Guanabara, 24 • 4º andar

20038-900 • Rio de Janeiro • RJ

Tel.: (0**21) 240-7299

e-mail: crb006@ibm.net

DIAGRAMAÇÃO E IMPRESSÃO:

Edições Loyola

Rua 1822 n. 347 • Ipiranga

04216-000 • São Paulo • SP

Tel.: (0**11) 6914-1922

e-mail: loyola@ibm.net

Final de Século: Desafios e Esperanças

MARIA CARMELITA DE FREITAS, FJ

O século XX chega a seu termo deixando à humanidade um rico cabedal de conquistas e de progresso, mas deixando também desafios cruciais para os quais as conquistas e o progresso não só não tiveram resposta satisfatória, senão que contribuíram para exacerbar. Certamente os balanços deste século que já se fazem e que continuarão a ser feitos e os juízos que se emitirão sobre ele não serão unívocos. Penderão para o lado das apreciações otimistas ou para a vertente das críticas acerbas, conforme o peso dos interesses que estejam em jogo e que se queiram privilegiar.

Nessa conjuntura histórica de final de século, com retrospectivas crítico-valorativas e prospectivas de signos diversos, insere-se o início do Jubileu-2000. Considerado na ótica dos grandes desafios que a humanidade enfrenta hoje, este evento do ano jubilar apresenta exigências peculiares. A abertura da "Porta Santa" da basílica de São Pedro em Roma, no próximo Natal, não pode reduzir-se a um ritual solene da Igreja Católica para introduzir os fiéis no tempo do Jubileu. Está chamada a ser um "tempo de graça", um "Kairós" para toda a humanidade, uma vigorosa conclamação dirigida a homens e mulheres de boa vontade, de todas as raças, nações e crenças a dar-se as mãos e caminhar juntos na direção de um mundo mais humano, em que a solidariedade e a justiça sejam os alicerces de uma paz duradoura e de uma nova ordem internacional sem discriminações nem exclusões.

Efetivamente, na perspectiva bíblica (Lv 25-27), o Jubileu tem o sentido de "desatar" e "destravar", ou seja, quebrar os grilhões que oprimem e as traves que impõem barreiras. Essa forma de encarar e celebrar a entrada no século XXI é uma oportunidade para revisar e repensar sistemas sócio-econômicos, modelos e paradigmas de civilização construídos ou implantados ao longo do século, atitudes pessoais e corporativas, ideologias e compromissos éticos. É o momento de fazer surgir e alentar iniciativas capazes de provocar mudanças profundas nos rumos da história, suscitando esperança e compromisso.

Como vocação eclesial no mundo, a Vida Religiosa está chamada a unir-se a esse mutirão de esforços na busca de uma sociedade alternativa, do “novo equilíbrio” nas relações entre povos e nações, entre Norte e Sul, entre países ricos e países endividados.

Diz a tradição dos povos indígenas centro-americanos que a cruz existe nessas culturas muito antes que chegasse o cristianismo. É o resultado do cruzar-se de duas linhas fundamentais da vida: Oriente-Poente, caminho do sol de Deus; e Norte-Sul, caminho humano. O caos se dá quando uma linha tenta anular a outra, ou quando as duas estão embaraçadas entre si, sem ordem nem harmonia. Entrelaçar as duas linhas, como dois braços entrecruzados em forma de um xis ou colocá-las na clássica modalidade conhecida da cruz cristã, é equilibrar o universo.

A aspiração ancestral desses povos de encontrar o equilíbrio unindo os diferentes e conjugando em cruz o caminho da humanidade e o caminho de Deus, constitui, na atual encruzilhada histórica, um vigoroso símbolo, uma parábola em ação, um alerta para todos aqueles e aquelas que acreditamos na Cruz libertadora de Jesus. Mas, acreditar na Cruz libertadora de Jesus, presente na história de nossos povos como graça geradora de equilíbrio e de unidade, significa haurir dessa fonte a coragem e a persistência para continuar buscando, em nível mundial, novas formas de convivência humana, baseadas na justiça e na misericórdia do Reino. Significa entrar no Novo Milênio juntando-se à súplica que nasce vigorosa e terna do coração de homens e mulheres de todos os cantos da terra: “as árvores dêem fruto, os rios não se sequem, reverdeçam os montes. Que em um novo amanhecer, juntos todos os povos, dancemos a dança da vida em plenitude, comamos e bebamos saboreando juntos o que Deus, Mãe e Pai, nos oferece”.

Convergência deste mês
de dezembro de 1999
quer fazer chegar às
comunidades religiosas,
junto com o rico material de reflexão
contido nos artigos publicados,
uma alentadora mensagem de esperança,
que sustente nossos caminhos
nessa hora de graça e de
responsabilidade histórica.

Fr. Bernardino Leers, no seu artigo — *“Reflexões num fim de Milênio”*, — oferece à consideração dos leitores um conjunto de questões que devem merecer uma especial atenção nessa conjuntura histórica da humanidade, o fim de um milênio. Para o autor, a memória do que passou constitui uma lição preciosa no sentido de aprender e descobrir qual é o futuro que a convivência humana quer construir e consolidar na terra comum.

O artigo do **Pe. Jaldemir Vitória** — *“Eu e o Pai somos um. Os fundamentos de uma espiritualidade cristã”*, — apresenta uma leitura teológico-espiritual de Jo10,30 inspirada e inspiradora. Partindo da explicitação do contexto conflitivo no qual Jesus faz essa afirmação, o autor desentranha o seu significado mais profundo e mostra como, do mistério da unidade entre Jesus e o Pai, se deduzem perspectivas desafiadoras para a vivência da espiritualidade cristã.

“Deus, meu Pai?” é o artigo questionador de **Ir. Maria da Conceição Corrêa-Pinto**. O eixo central do texto é a questão extremamente atual da compreensão do apelativo Pai referido a Deus, por parte de homens e mulheres deste final de milênio. Segundo a autora, esse apelativo não é tão pacificamente aceito ou compreendido hoje e, “talvez, nem todos nos demos conta desse fato, tão habituados a essa linguagem: uma mera imagem de Deus que acompanha os cristãos desde as suas raízes judaicas”.

Pe. Paulo Lisboa, no seu artigo — *“Jovens Religiosos às vésperas do Terceiro Milênio”* — trata de responder a uma pergunta fundamental para a Vida Religiosa nessa circunstância da entrada num novo milênio: Será que a Vida Religiosa aqui no Brasil “está atenta ao novo que se apresenta nas diversas manifestações da nossa juventude?” O artigo, iluminador e sugestivo, está baseado na longa experiência do autor no ministério de acompanhar jovens religiosos e religiosas em diferentes etapas da formação.

O texto do **Pe. Virgílio Uchôa** sobre a conjuntura atual contém excelente matéria de reflexão para as comunidades sobre o que vem acontecendo em nível mundial e em âmbito nacional, na última década deste século. No final do texto o autor pergunta: “Por onde andarão os profetas da lucidez, do anúncio e da construção de uma nova síntese para além dos sectarismos e das ideologias?”



PALAVRA DO PAPA

“O Verbo fez-se Homem e
Habitou entre nós” (Jo 1,14)

Caríssimos jovens!

1. Há quinze anos, no termo do Ano Santo da Redenção, confiei-vos uma grande Cruz de madeira convidando-vos a levá-la ao mundo, como sinal do amor do Senhor Jesus pela humanidade e como anúncio de que só em Cristo, morto e ressuscitado, há salvação e redenção.

Depois de ter atravessado os continentes, esta Cruz retorna agora a Roma, trazendo consigo a oração e o empenho de milhões de jovens que nela reconheceram o sinal simples e sagrado do amor de Deus pela humanidade. Será precisamente Roma, como sabeis, a acolher a Jornada Mundial da Juventude do Ano 2000, no coração do Grande Jubileu.

Caros jovens, convido-vos a empreender com alegria a peregrinação rumo a este grande encontro eclesial que será, a justo título, o «*Jubileu dos Jovens*». Preparai-vos para cruzar a Porta Santa, sabendo que passar através dela significa revigorar a própria fé em Cristo, para viver a vida nova que Ele nos deu (cf. *Incarnationis mysterium*, 8).

2. Escolhi como tema para a vossa XV Jornada Mundial a frase lapidar, com a qual o apóstolo João exprime o mistério altíssimo de Deus que Se fez homem: «*O Verbo fez-Se homem e habitou entre nós*» (Jo 1,14). Aquilo que distingue a fé cristã, em relação a todas as outras religiões, é a certeza de que o homem Jesus de Nazaré é Filho de Deus, o Verbo feito carne, a segunda pessoa da Trindade que veio ao mundo. Esta «é a alegre convicção da Igreja desde o seu princípio, quando canta “grande mistério da piedade”: “Ele manifestou-Se na carne”» (*Catecismo da Igreja Católica*, 463). Deus, o invisível, está vivo e presente em Jesus, o Filho de Maria, a *Theotokos*, a Mãe de Deus. Jesus de Nazaré e Deus conosco, o Emanuel: quem O conhece, a Deus conhece, quem O vê, vê a Deus, quem O segue, segue a Deus, quem se une a Ele, está unido a Deus (cf. Jo 12, 44-50). Em Jesus nascido em Belém, Deus assume a condição humana e torna-Se acessível, fazendo aliança com o homem.

Na encarnação, Cristo fez-Se sobre para nos enriquecer com a sua pobreza, e deu-nos a redenção, que é fruto sobretudo do sangue por Ele derramado na Cruz (cf. *Catecismo da Igreja Católica*, 517). No Calvário, «Ele tomou sobre Si as nossas enfermidades... e foi trespassado por causa das nossas transgressões» (Is 53, 4-5). O sacrifício supremo da sua vida, livremente consumado para a nossa salvação, está a testemunhar o amor infinito de Deus por nós. A este respeito, escreve o apóstolo João: «Deus amou de tal modo o mundo que lhe deu o Seu Filho único, para que todo o que n'Ele crer não pereça, mas tenha a vida eterna» (3,16). Enviou-O para compartilhar a nossa condição humana em tudo, exceto no pecado; «deu-O» totalmente aos homens, não obstante a sua rejeição obstinada e homicida (cf. *Mt* 21,33-39), a fim de obter para eles, com a Sua morte, a reconciliação. «O Deus da criação revela-se como Deus da redenção, como Deus "fiel a Si próprio", fiel ao seu amor para com o homem e para com o mundo, que já se revelara no dia da criação... Que grande valor deve ter o homem aos olhos do Criador, se mereceu ter tal e tão grande redentor» (*Redemptor hominis*, 9-10).

Jesus foi ao encontro da morte, não recuando diante de nenhuma consequência do seu «estar connosco» como *Emanuel*. Pôs-se no nosso lugar, resgatando-nos do mal e do pecado na Cruz (cf. *Evangelium vitae*, 50). Assim como o centurião romano, ao ver como Jesus morria, compreendeu que Ele era o Filho de Deus (cf. *Mt* 15,39), de igual modo nós, ao vermos e contemplarmos o Crucificado, podemos compreender que é verdadeiramente Deus que revela n'Ele a medida do seu amor pelo homem (cf. *Redemptor hominis*, 9). «Paixão» quer dizer amor apaixonado, que ao doar-se não faz cálculos: a paixão de Cristo é o ápice de uma inteira existência «dada» aos irmãos para revelar o coração do Pai. A Cruz, que parece elevar-se da terra, na realidade pende do céu, como abraço divino que estreita o universo. A Cruz «revela-se como o centro, o sentido e o fim de toda a história e de cada vida humana» (*Evangelium vitae*, 50).

3. Caros jovens, diante destes grandes mistérios sabeis elevar-vos a uma atitude de contemplação. Detende-vos a admirar extasiados o recém-nascido que Maria deu à luz, envolvido em panos e depositado na manjedoura: é o próprio Deus que veio ao meio de nós. Contemplai Jesus de Nazaré, por alguns acolhido e por outros ridicularizado, desprezado e rejeitado: Ele é o Salvador de todos. Adorai a Cristo, nosso Redentor, que nos resgata e liberta do pecado e da morte: é o Deus vivo, fonte da Vida.

Contemplai e refleti! Deus criou-nos para compartilhar a sua própria vida; chama-nos para ser seus filhos, membros vivos do Corpo místico de Cristo, templos luminosos do Espírito do Amor. Chama-nos para ser «seus»: quer que todos sejam santos. Caros jovens, tende a santa ambição de ser santos, como Ele é santo!

Perguntar-me-eis: mas é possível ser santo hoje? Se só pudéssemos contar com os recursos humanos, a empresa pareceria justamente impossível. De fato, bem conheceis os vossos sucessos e as vossas derrotas; sabeis que tipo de fardo pesa sobre o homem, quantos perigos o ameaçam e que consequências provocam os seus pecados. Às vezes podemos deixar-nos levar pelo desânimo e chegar a pensar que não é possível mudar nada no mundo nem em nós mesmos.

Se o caminho é árduo, tudo porém podemos n'Aquele que é o nosso Redentor.

Jovens de todos os continentes, não tenhais medo de ser os santos do novo milênio! Sede contemplativos e amantes da oração, coerentes com a vossa fé e generosos no serviço aos irmãos, membros vivos da Igreja e artífices de paz. Para realizardes este importante projeto de vida, permanecei na escuta da sua Palavra, hauri vigor dos Sacramentos, especialmente da Eucaristia e da Penitência. O Senhor quer que sejais apóstolos intrépidos do seu Evangelho e construtores de uma nova humanidade. Com efeito, como podereis afirmar que credes em Deus que Se fez homem, se não tomais posição contra aquilo que avilta a pessoa humana e a família? Se credes que Cristo revelou o amor do Pai por todas as criaturas, não podeis deixar de envidar todo o esforço para contribuir na edificação de um mundo novo, fundado sobre o poder do amor e do perdão, sobre a luta contra a injustiça e toda a miséria física, moral, espiritual, sobre a orientação da política, da economia, da cultura e da tecnologia ao serviço do homem e do seu desenvolvimento integral.

4. De coração faço votos por que o Jubileu, já às portas, represente a ocasião propícia para um corajoso impulso espiritual e para uma extraordinária celebração do amor de Deus pela humanidade. Eleve-se de toda a Igreja «o hino de louvor e de agradecimento ao Pai, que no seu incomparável amor nos concedeu em Cristo a graça de “sermos concidadãos dos santos e membros da família de Deus” (Ef 2,19)» (*Incarnationis mysterium*, 6).

O mistério da encarnação do Filho de Deus e o da redenção por Ele operada para todas as criaturas constituem a mensagem central da nossa fé. A Igreja proclama-o sem interrupção ao longo dos séculos, caminhando «entre as incompreensões e as perseguições do mundo e as consolações de Deus» (Santo Agostinho, *De Civ. Dei* 18, 51, 2; *PL* 41, 614) e confia-a a todos os seus filhos como tesouro precioso a ser conservado e difundido.

Também vós, caros jovens, sois destinatários e depositários deste patrimônio. «Esta é a nossa fé. Esta é a fé da Igreja. E nós nos gloriamos de a professar, em Cristo Jesus nosso Senhor» (Pontifical Romano, Rito *da Confirmação*). Proclamala-emos juntos por ocasião da próxima Jornada Mundial da Juventude, na qual espero que participeis em grande número. Roma é uma «cidade-santuário», onde as memórias dos apóstolos Pedro e Paulo e dos mártires recordam aos peregrinos a vocação de todo o batizado. Diante do mundo, em agosto do próximo ano, repetiremos a profissão de fé do apóstolo Pedro: «*Senhor, para quem havemos nós de ir? Tu tens palavras de vida eterna*» (Jo 6,68), porque: «*Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo!*» (Mt 16,16).

E também a vós, rapazes e moças, que sereis os adultos do próximo século, é confiado o «Livro da Vida», que na noite de Natal deste ano o Papa, o primeiro a cruzar o limiar da Porta Santa, mostrará à Igreja e ao mundo como fonte de vida e de esperança para o terceiro milênio (cf. *Incarnationis mysterium*, 8). O Evangelho torne-se o vosso tesouro mais precioso: no estudo atento e no acolhimento generoso da Palavra do Senhor encontrareis alimento e força para a vida de cada dia, encontrareis as razões de um empenho sem tréguas, na edificação da *civilização do amor*.

5. Dirijamos agora o olhar para a Virgem Mãe de Deus.

A encarnação do Verbo e a redenção do homem estão conexas de maneira estreita com a Anunciação, quando Deus revelou a Maria o seu projeto e encontrou n'Ela, jovem como vós, um coração totalmente disponível à ação do seu amor. Desde há séculos a piedade cristã recorda todos os dias, com a recitação do *Angelus Domini*, o ingresso de Deus na história do homem. Que esta prece se torne a vossa oração, meditada quotidianamente.

Maria é a aurora que precede o surgir do Sol de justiça, Cristo nosso Redentor. Com o «sim» da Anunciação, ao abrir-se totalmente ao projeto do Pai, Ela acolheu e tornou possível a encarnação do Filho. Primeira entre os discípulos, com a sua presença discreta acompanhou Jesus até ao Calvário e sustentou a esperança dos Apóstolos, à espera da ressurreição e do Pentecostes. Na vida da Igreja continua a ser de maneira mística Aquela que precede o advento do Senhor.

Na expectativa de vos encontrar numerosos em Roma no próximo ano, «*confio-vos a Deus e à palavra da Sua graça, que tem o poder de construir o edifício e de vos conceder parte na herança com todos os santificados*» (At 20,32), enquanto de coração, com grande afeto, abençôo todos vos, juntamente com as vossas famílias e as pessoas que vos são queridas.

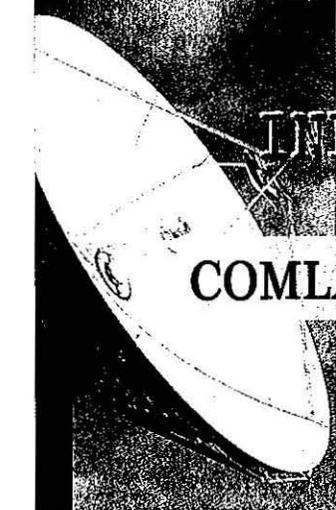
Vaticano, 29 de junho de 1999, solenidade dos Santos Apóstolos Pedro e Paulo.

Joannes Paulus II

♦

CAROS JOVENS, DIANTE DESTES GRANDES MISTÉRIOS
SABEI ELEVAR-VOS A UMA ATITUDE DE CONTEMPLAÇÃO.
DETENDE-VOS A ADMIRAR EXTASIADOS O RECÉM-NASCIDO QUE
MARIA DEU À LUZ, ENVOLVIDO EM PANOS E DEPOSITADO NA MANJEDOURA:
É O PRÓPRIO DEUS QUE VEIO AO MEIO DE NÓS.
CONTEMPLAI JESUS DE NAZARÉ, POR ALGUNS ACOLHIDO E
POR OUTROS RIDICULARIZADO, DESPREZADO E REJEITADO:
ELE É O SALVADOR DE TODOS. ADORAI A CRISTO, NOSSO REDENTOR,
QUE NOS RESGATA E LIBERTA DO PECADO E DA MORTE:
É O DEUS VIVO, FONTE DA VIDA.
CONTEMPLAI E REFLETI!

♦



INFORME CRB

COMLA VI – Mensagem Final

De 28 de setembro a 3 de outubro de 1999, no umbral do Terceiro Milênio, nos reunimos em Paraná (Argentina) para a realização do sexto Congresso Latino-Americano Missionário (COMLA VI).

Pela primeira vez foram convidadas as Igrejas dos Estados Unidos e Canadá, dando assim, origem ao primeiro Congresso Americano Missionário (CAM I).

Os participantes foram 3.000 adultos e 300 crianças da Infância Missionária, provenientes da América do Norte, América Central e Caribe e América do Sul, junto com representantes da África, Ásia e Europa.

O tema do Congresso foi: “CRISTO, VIDA E ESPERANÇA PARA TODOS OS POVOS” e seu lema: “AMÉRICA COM CRISTO, SAI DA TUA TERRA”.

Os participantes proclamamos com fervor a presença de Cristo em nossa vida e a necessidade de anunciá-lo a todos.

Entretanto, enquanto nos preparamos para celebrar com entusiasmo no próximo jubileu os 2.000 anos do nascimento de Jesus, constatamos que as duas terceiras partes da humanidade ainda não O conhecem e que em nosso mundo, chamado ocidental e cristão, se difunde o secularismo e uma mentalidade individualista e relativista que leva à indiferença.

A atual situação torna-se mais difícil pelas mudanças introduzidas com a chegada da globalização. Reconhecemos que esta facilita o processo de unidade dos povos, um maior acesso à informação, realiza um melhor serviço à família humana e pode ser muito útil à evangelização. Apesar disso, denunciaremos com preocupação muitas conseqüências negativas, sobretudo em seus aspectos culturais e econômicos.

Preocupamo-nos o vazio espiritual de muitas pessoas, uma nova escala de ideais, a perda de valores autóctones, provocando a reação dos fundamentalismos e dos nacionalismos (e uma escalada da cultura da morte). Escandalizamo-nos a distância crescente entre os poucos ricos e os muitos pobres, que põe em perigo a paz do mundo. Além disso advertimos com preocupação sobre as conseqüências negativas desta situação que repercutem, grave e perigosamente, de modo especial sobre os excluídos, os ameríndios e os afro-americanos.

Por outra parte, estamos convencidos de que a resposta a estes desafios é o anúncio de Cristo como Senhor e Salvador de todos, o qual nos revela o rosto amoroso e misericordioso de Deus Pai. O mundo o pede e os Cristãos devemos saber oferecê-lo.

Escutamos nestes dias os testemunhos oferecidos pelos missionários: bispos, sacerdotes, consagrados/as, leigos, famílias, contemplativos, crianças. Eles nos manifestaram o segredo de sua ação evangelizadora realizada por meio de várias atividades em diferentes lugares do mundo. Eles nos contagiaram com seu ardor missionário e como eles:

- Sentimo-nos em primeiro lugar seduzidos por Cristo e enviados por ele, um missionário do Pai. Como os Apóstolos dizemos: *"Não podemos calar o que vimos e ouvimos"*.
- Sentimo-nos enviados pela Igreja, sacramento de Cristo, que é essencialmente missionário.
- Sentimo-nos testemunhas do amor de Cristo e da Igreja e a seu serviço, sobretudo aos pobres e marginalizados econômica, social e religiosamente.
- Queremos prolongar a encarnação de Jesus na cultura de cada povo, entrando em diálogo com ela, enriquecendo-a com o fermento do evangelho, assumindo seus aspectos positivos e defendendo-a do perigo de sua eliminação.
- Por estes valores estamos dispostos a entregar nossa vida denunciando os males que destroem a dignidade do homem e propondo a todos a plenitude da vida humana em Cristo.
- Tudo isto nos exige um caminho de santidade pessoal vivido na cotidianidade, com a consciência de colaborar ativamente na construção do reino de Deus em todo o mundo com a inquietude do Apóstolo Paulo: *"Ai de mim se não evangelizar"*.
- Desta maneira, somos conscientes de que oferecemos à sociedade, redimida por Cristo, a possibilidade de uma solução aos graves problemas que a afligem, entre eles as lutas por distintas convicções religiosas e os encontros étnicos e culturais.

Depois de ter compartilhados estas vivências, nos dirigimos:

- **A todo povo de Deus** e lhe pedimos que revitalize sua consciência de que ser membro da Igreja é ser essencialmente missionário, já que *"as perspectivas universais da Igreja devem ser as perspectivas normais da Vida Cristã"*.
- **Aos leigos** lhes recordamos sua responsabilidade de colaborar com a missão evangelizadora da Igreja, com sua oração, sacrifícios, ajudas de solidariedade e disponibilidade para serem enviados a anunciar o evangelho *"ad gentes"* se sentem este chamado divino.
- **Aos jovens** nós os convidamos a colocar-se, como os Apóstolos, à escuta do chamado de Jesus e com o profeta Isaías dizer: *"Eis-me aqui, Senhor, estou disposto, envia-me..."* (Is 6,8).
- **Às crianças** lhes agradecemos a ativa participação que tiveram, pela primeira vez, neste Congresso Missionário e exortamos a que continuem colaborando com o mesmo entusiasmo que demonstraram.

- **Às famílias** as animamos para que favoreçam as vocações missionárias de seus filhos e estejam abertas a uma eventual chamada a uma colaboração direta para a missão.
- **Àqueles que vivem a vida contemplativa** lhes dizemos que consideramos muito importante sua entrega, e que todos os missionários os sentem próximos ao seu trabalho apostólico e contam com sua oração constante.
- **Aos Consagrados e Consagradas** os animamos a fazer presentes os valores do Reino com seu compromisso profético no mundo, de acordo com seu próprio carisma e as necessidades mais urgentes da Igreja e da sociedade.
- **Aos Seminaristas** lhes pedimos que adquiram um conhecimento dos problemas e das necessidades da Igreja Universal no Mundo, manifestando-se dispostos a entregar sua vida para o anúncio do Evangelho, sobretudo nos lugares onde Cristo ainda não é conhecido.
- **Aos sacerdotes** nós os exortamos a viver a dimensão missionária universal que receberam com sua ordenação sacerdotal e a estar dispostos para ir onde as necessidades da Igreja são mais urgentes.
- **Aos Bispos** os animamos a meditar junto com seu presbitério as palavras de Puebla: *“nós mesmos precisamos de missionários, mas devemos dar da nossa pobreza”* (D.P. 368) completadas pela afirmação de Santo Domingo (125): *“não pode haver nova evangelização sem projeção em direção ao mundo não cristão”*, conscientes de que *“a fé se fortalece quando é compartilhada”*.

Dirigimo-nos também aos responsáveis pelos meios de **comunicação social**, convencidos da importância que têm para fazer conhecer, com uma informação objetiva, os desafios do mundo de hoje, e as propostas que, para solucioná-los a Igreja oferece. Só em Cristo, Palavra de Vida Eterna, o homem encontrará o caminho da plena realização pessoal e da mudança social de que necessita.

Pedimos a Maria de Guadalupe, padroeira da América, que trouxe ao novo continente a mensagem de fraternidade universal no respeito às culturas locais, que nos dê:

- A esperança de superar as dificuldades que encontraremos no cumprimento de nossas responsabilidades no umbral do terceiro Milênio.
- A coragem de ser construtores de um novo mundo no amor e na solidariedade.
- O ardor para anunciar o Evangelho da Vida a todos os povos de todos os continentes.

Paraná (Argentina), 3 de outubro de 1999.



ARTIGOS

Reflexões no Fim de um Milênio

FREI BERNARDINO LEERS, OFM

Preocupada com a sorte da cidade e sua gente de cuja vida participou há tantos anos, a mulher de Ló olhou para trás e a coitada virou uma estátua de sal. Uma lenda antiga se tornou história da salvação e símbolo para sempre. Deus não cria os seres humanos para trás; cria-os para frente, rosto, olhos, bocas nariz, ouvidos, mãos e pés para viver e caminhar para frente, para o futuro a construir com a graça permanente de Deus e a boa vontade de milhões de pessoas humanas.

O passado passou e, com todos os seus eventos bons e maus, torna-se lentamente

um cemitério abandonado em que apenas alguns monumentos se destacam e são guardados. Sua memória, porém, constitui uma lição preciosa para quem quer aprender e descobrir, qual é o futuro que a convivência humana quer construir e consolidar na terra comum. Todo um acervo de experiências humanas de paz e de guerra, de alegrias e sofrimentos forma uma coluna ao lado da estrada dos peregrinos que torna presente o mistério de Deus e mostra a árvore do bem e do mal crescendo, para quem quer aprender as lições do passado.

1. ANÕES NUM UNIVERSO IMENSO

O compositor Dvorak tinha na mesa um tinteiro de ferro em cujo pé estava sentado um anãozinho. Numa hora de inspiração, sua fantasia deu vida ao anãozinho que começou a dançar pela mesa, pulando e saltitando, bailarino alegre de corpo leve, como se quisesse seguir um pássaro pelo ar. Assim saiu um clássico da música romântica. Para o anãozinho a mesa era maior do que a praça da basílica de Aparecida e a sala mais alta do que sua cúpula. Dançando alegre ou levando as marcas de um grande sofrimento no coração, o ser humano

sabe, que o mundo é grande e pequeno ao mesmo tempo. Televisão, telefone, fax e internet parecem provar a extensão enorme do planeta Terra habitado por mais de seis bilhões de pessoas. Mas o mundo em que a pessoa roda todos os dias, de corpo, cabeça e coração é o mundo do anão e não de um gigante mitológico. O homem comum é apenas um anão no tempo curto de sua vida, dentro dos bastidores gigantescos do mundo político social, técnico, cultural e ético-religioso. Olhando o movimento das estrelas e os anos-luz de distância no uni-

verso cósmico, o homem vira pozinho de nada. Qual é a contribuição de cada um

à construção do bem-estar da humanidade peregrina?

2. SOIS PESSOAS HUMANAS.

As ciências humanas enriquecem e muito o vocabulário comum com palavras abstratas, quase mágicas, de estruturas, funções, sub-consciência, atitudes, sublimação, até mercado financeiro, inflação e supermercado. A Igreja não ficou para trás. Construiu uma catedral majestosa de palavras, esculpidas nas pedras das paredes e colunas. Bíblia, missão, liturgia das horas, código de direito canônico, documentos e livros de teologia e moral formam, em séculos de desenvolvimento, uma acumulação de palavras que enchem bibliotecas que sabem, mais do que qualquer sábio ou entendido.

O evangelho de São João começa com a Palavra, o início de todo o universo em que a humanidade está de passagem. Para não deixar dúvida de que não é oca esta palavra, afirma que a Palavra se fez carne, pessoa humana com os sentimentos, necessidades e desejos comuns aos seres humanos. De sua maneira, São Paulo definiu a característica desta Palavra encarnada. Falar todas as línguas e possuir todos os conhecimentos não valem nada, se falta a caridade, graça de Deus e atividade humana.

Sob o acervo impressionante de palavras de cada dia, o ser humano arrisca ser enterrado e esquecido, enquanto ainda vive. Mas, ele é mais importante do que as palavras que aprendeu e usa. Palavras são trocas mais ou menos comunicativas entre pessoas, que dão vida e significado às suas palavras ou deixam-nas mortas e ocas, talhas sem água ou vinho que vivificam. Sejam índios, negros, chineses ou italianos, as pessoas são sempre outras com rosto e nome

próprios, porque a criatividade de Deus não se repete. Na corrente histórica da humanidade, surgem constantemente pessoas novas que depois de certo tempo, submergem e desaparecem, deixando vestígios, muitas vezes nem percebidos. Talvez não tenham chegado a falar, mas constam nos registros de Deus que cria a todos e recolhe a todos.

Na caminhada para a plena revelação do Mistério divino, cada pessoa em sua originalidade contribui por palavras, atos e omissões, como a fórmula clássica. Em suas limitações de indivíduos em seus contextos, todos estão agrupados em redor da Palavra, Cristo Jesus que, semeador experimentado, lança as sementes da Verdade que Ele é. No plano de Deus, Ele entregará a criação toda que por agora ainda sofre e geme, ao Pai que ficou esperando até o fim. Em sua passagem, nenhum mortal é perfeito ou possui a Verdade toda, e exatamente os santos têm uma consciência profunda de serem pecadores. Perfeito só é aquele que passou por cima do último inimigo que é a morte. Mas no centro de todas as multidões humanas e seus acontecimentos está o Senhor Jesus, vida de todos e caminho estreito a seguir.

O ano 2000 é um número que esconde o erro de cálculo de um sábio medieval. Para os judeus e budistas já passou há muito tempo; para os muçulmanos levará ainda séculos para alcançá-lo. O que o novo milênio vai dar depende do que receberá da boa vontade dos homens de diminuir a força simbólica de Caim matar seu irmão Abel e cons-

truírem finalmente uma sociedade verdadeiramente humana, em que haverá um lugar decente e um mínimo de bem-estar com dignidade para todos.

Em longa história, o milênio que finda formulou os direitos humanos fundamentais na paciência de papéis de muitas assinaturas oficiais. A realidade é violência, guerra, matança, exploração, injustiças gritantes pelo mundo a fora. Que

religião e governo convirjam para uma estratégia comum de paz, justiça inter-humana e administração equilibrada da terra. Todas as pessoas vivas estão, mais do que nunca, na mesma barca do tempo e do espaço, e cada um em seu lugar e sua responsabilidade de colaborador na tarefa ou missão gigantesca de sanear a humanidade e mostrar a semelhança com Deus Criador em todas as suas criaturas humanas.

3. OS PARADOXOS DO MUNDO ATUAL

Os religiosos vivem no mundo comum de todos e participam das andanças da sociedade humana. Atualmente esta sociedade dinâmica é um paradoxo perverso. De um lado, as distâncias encurtaram. Os aviões voam mais rápidos de um lado do mundo ao outro. O telefone, o fax, a internet não conhecem mais distâncias e dão contato imediato. A televisão mostra imagens de desastres, incêndios, eleição da Miss Mundo e o terremoto com mais de mil mortos. As notícias do mercado financeiro são conhecidas ao mesmo tempo no mundo inteiro. Globalização é palavra-chave. Os meios de comunicação despejam rios de informações.

Doutro lado, com todos os discursos sobre desenvolvimento e modernidade as distâncias sociais aumentam. Dinheiro não tem cheiro, mas concentra renda e poder cada vez mais nas mãos de poucos. Os ricos produzem toneladas de lixo que famílias sem nada aproveitam, comendo o que nem se dá aos porcos. Em média, os norte-americanos estão bem acima do peso aconselhável, mas na África e na Índia morrem milhares de pessoas de fome e miséria. A passo largo, a medicina avançou, mas as endemias tradicionais con-

tinuam fazendo suas vítimas, à míngua de qualquer assistência. A tecnologia avança e cria maravilhas, mas quem tira as vantagens deste progresso? Alta escolaridade e especializações se produzem em meio ao analfabetismo, à ausência de profissionalismo.

Sejam homens, sejam mulheres, os religiosos participam, cada um de sua maneira, deste mundo de contrastes, expressão desafiante de injustiças, egoísmo, cegueiras e omissões humanas. Mas eles usam também regularmente o discurso das palavras-bandeiras bonitas: solidariedade, comunidade, fraternidade, igualdade, liberdade. Palavras se gastam, geralmente pela repetição frequente. Não é o caso, aqui. Estas todas portam um risco em si mesmas, por serem bandeiras lindas que ondulam bem animadas acima da realidade tão humana, mas implantadas numa haste e no chão da realidade atual. Pois, há muita coisa boa no mundo, embora não se repita ainda que Deus está muito satisfeito como consta no mito da criação inicial do Jardim e o primeiro casal para cultivá-lo. À luz da fé, a crítica não discerne o bem e o mal, entende o mal como desafio para os religiosos continuarem a missão da libertação do Senhor Jesus.

Mais do que um modismo, solidariedade é uma palavra idealista grandiosa, que soa meio oca, porque lhe falta ainda a substância sólida de experiências e práticas sociais acumuladas. Na linguagem comum, a caridade e o amor tão tradicionalmente cristãs, sofrem de uma inflação constante. A primeira se esvaziou bastante pela identificação com esmola e assistencialismo que cria e consolida a dependência. Pela explosão social, o amor perdeu, boa parte de sua grandeza e profundidade para se tornar comércio e libertinagem sem responsabilidades. "Onde há amor e caridade, Deus aí está". Assim canta-se na liturgia. Para impedir o esvaziamento do verdadeiro Deus, a prática da solidariedade prestará um bom serviço.

Com a diferença de uma letra, solidário e solitário expressam uma dialética embutida na vida, também dos religiosos, não menos do que na vida das religiosas. Estar consigo mesmo, sozinho, isolado e fechado em si, eventualmente com Deus e Nossa Senhora, como disse a velha viúva na roça, opõe-se ao estar com os outros, comunicando-se aos outros ou com os outros e servindo aos outros. Entrar em si mesmo é um dinamismo contrário ao sair ao encontro dos outros, para dar e receber, mais receber do que dar, tanto da parte de Deus, quanto pelos muitos serviços que os outros prestam, muitas vezes sem saber.

A sociedade urbana é invisível em boa parte. Ninguém conhece todas as pessoas que trabalharam e trabalham dia e noite, que estão atrás da água que sai da torneira, da luz elétrica, do supermercado, do transporte, da própria casa construída em que vive a comunidade religiosa, da roupa que cada um veste, dos livros e artigos que lê, do programa

de televisão que se fica olhando e escutando e tantas dependências mais.

O fim do segundo milênio está no signo do capitalismo concentrador de posse e poder e do (neo-)liberalismo que marginaliza e exclui milhões de pessoas e povos inteiros. Contra esta erosão da sociedade humana, impõe-se a prática da solidariedade que não se fecha dentro dos interesses do próprio grupo ou instituto religioso, mas se abre progressivamente em círculos maiores de comunicação, participação e serviço.

Palavras, frases, discursos são fáceis e somem no ar com facilidade. O muro de Berlim caiu e mostrou o fracasso do comunismo real russo. No Ocidente continua o desafio de ultrapassar o sistema capitalista real que explora a tal mão-de-obra — leia-se: pessoas humanas de carne e ossos —, e coloca a máquina e o lucro próprio acima do direito dos seres humanos ao trabalho, desempregando milhões de trabalhadores. Dinheiro não produz, senão pelo trabalho. De um mundo desconhecido de trabalhadores depende, cada dia, que os religiosos vivam, morem em casas, comam, bebam, vistam-se, liguem música ou televisão, viajem, leiam jornais e livros, rezem a Liturgia das Horas, celebrem a Eucaristia em suas Igrejas. Quais são as condições de vida, saúde, segurança de emprego desta massa de trabalhadores?

A celebração eucarística é a expressão máxima da gratidão humana para com Deus, criador do universo, libertador da humanidade e inspirador da vida e da esperança que ultrapassam a morte. Gratidão é oração bonita; principalmente se expressa em uma vida justa, honesta, boa, fazendo bem aos outros peregrinos. Mas Deus não vive só: por assim dizer, tem sempre o universo cósmico

nos braços e a humanidade toda no coração. "Graças a Deus" se prolonga no "Graças a todas as pessoas" que foram e são seus intermediários no bem e toda a criação com seu sol, suas estrelas, seu verde e seu ar de cada dia. O Bom Samaritano da parábola não tem nome. Poderosos e ricos põem seus nomes e títulos em placas comemorativas. A multidão de trabalhadores e servidores que criam as boas condições de vida dos religiosos é anônima, ignorada, nem merece atenção. São eles os verdadeiros próximos na palavra de Jesus.

Na medida em que a consciência coletiva da interdependência e, com isso, a gratidão crescem, o senso da solidariedade ganha volume e substância. No entanto, pregar a prática da solidariedade aos outros não adianta, se os religiosos mesmos não a realizam em suas comuni-

dades e para com seus servidores e colaboradores. Inimigo número 1 aqui é o egoísmo, seja na forma do típico individualista ou "ego-tripper", seja como corporativismo de grupo fechado que roda em redor de seus interesses próprios. Democracia como forma de vida, planejamento em comum, trabalho em equipes, consultas amplas, co-responsabilidade e tais não combinam facilmente com a tradição hierárquica vertical de cima para baixo das instituições religiosas e da Igreja em geral. Dentro do esquema das limitações humanas, a solidariedade há de reformar as estruturas do poder e sua maneira histórica de funcionar, não somente na economia das empresas e nos partidos políticos, mas também no ambiente e na vida religiosa. Haja paciência de mais um milênio. A Eucaristia é remédio, sustento e inspiração até o fim.

5. QUE TODOS SEJAM UM

Sob a inspiração do Concílio Vaticano II, o movimento ecumênico e os contatos com as outras Igrejas, como judeus e humanistas ganhou mais volume no Brasil. Unilateralmente a história da Igreja católica podia ser escrita em termos de conflito, heresia, inquisição e separação: guerras houve, talvez haja ainda, em que a diferença religiosa entre os inimigos desempenhava papel importante, especialmente na época em que os interesses do Estado e da Igreja mais ou menos coincidiram. Neste milênio, a Igreja católica romana tem perdido a Europa oriental dos povos eslavos e o Norte onde o protestantismo ganhou a maioria; além disso boa parte dos intelectuais e dos operários. E a relação com os pobres está aberta à opção evangélica em andamento entre os católicos, ou não?

Doutro lado, o slogan "Deus está morto" foi enterrado em silêncio, porque as

grandes religiões do mundo começaram a se revitalizar e ganharam sangue novo. No fim deste milênio, o monopólio da Igreja católica no Brasil foi quebrado e a divulgação de outras Igrejas e Assembleias religiosas cresce tão rapidamente que, por exemplo, o Rio de Janeiro conta atualmente com 55% da população que se diz católica. Já é tradição de o catolicismo real estar misturado com várias formas de espiritismo e um sem número de superstições e magias.

No fim deste milênio, contra este fundo negativo, uma nova atmosfera se desenvolve de aproximação, de mais respeito mútuo. Uma nova vontade de atender ao pedido de Jesus pela unidade está se confirmando dentro da sociedade atual secularizada. Apesar de ser novo o movimento ecumênico com outras Igrejas cristãs, as relações mais ou menos oficiais com os judeus e os con-

tatos com humanistas pós-religiosos e pós-cristãos organizaram uma série de congressos, publicações e ações em comum. Até foi possível reunir os líderes das mais importantes em uma oração comum em Assis, cidade do pacificador São Francisco.

Todos os sinais de pacificação e mútuo entendimento e estudos em comum de teólogos e autoridades religiosas, já são passos importantes para frente. Mas fica um problema, outro desafio a enfrentar: a participação do povo católico em sua convivência com pessoas e grupos de outras convicções e mundivisões. Discussões teológicas de alto nível e documentos oficiais não resolvem a aproximação das pessoas nem alcançam um relacionamento de respeito e paz entre vizinhos. Em razão ao domínio secular do catolicismo no Brasil, ficou na população uma resposta de estranheza, até de inimizade, para com as religiões emergentes que, estão ganhando seus adeptos. Talvez a expressão tão usada "nosso povo é bom mas ignorante" perdeu bastante sua repetição tradicional. Mas, se a ignorância dos fiéis católicos que muitas vezes quase não têm contato com as comunidades em redor do altar diminuiu, é bem outra questão. Num país em que a formação religiosa não acompanha a formação escolar e intelectual a convivência com vizinhos de casa ou apartamento que têm outras religiões ou são pós-religiosos, é muito complicada. A opção talvez seja indiferentismo ou o

assunto religião seja tabu. No entanto, o movimento ecumênico, no sentido mais largo, supõe da parte dos fiéis católicos convicção profunda da fé e conhecimento de causa. De qualquer jeito, já seria um bom caminho andado, se a alteridade religiosa não impedisse a paz, a troca de serviços e participação leal em projetos comuns de ação.

Para implantar e socializar esta nova mentalidade ecumênica e abri-la a todos e educar o povo de Deus neste sentido, os religiosos têm papel de destaque por causa de sua experiência religiosa e posição social na Igreja e na sociedade. Certamente os problemas internos dos institutos de vida consagrada no que diz respeito à sobrevivência, vocação, envelhecimento, transferências e reformas, talvez absorvam muita energia. Mas a irradiação de Deus vivo, Pai de toda a criação e especialmente dos filhos feitos à semelhança d'Ele, infiltra e há de infiltrar em todas as relações humanas e todos os agrupamentos sociais com os quais os religiosos têm contato, mesmo se esses fossem apenas vividos na oração de cada dia. Na Igreja atual o Novo Catecismo não vencerá facilmente a pluriformidade teológica, litúrgica e moral entre os religiosos. No entanto, a comunicação clara do novo espírito de paz e união entre os católicos e com os outros supõe a prática do provérbio de que "roupa suja se lava em casa" e está servida com o exemplo de unidade na pluralidade das comunidades dos religiosos.

6. A PROCISSÃO DA VIDA

Em uma pequena cidade da Alemanha uma procissão curiosa é feita todos os anos. Só homens participam, abraçados em filas largas. O ritmo deles é dois passos para frente, um passo para trás, dois para frente, um para trás. Sem que-

rer talvez, esta procissão expressa um ritmo da vida de muitos. Avançam, sim, mas depois recuam; progridem no espaço e no tempo, mas por medo das novidades se retiram para o tempo tranqüilo de ontem, ao qual estavam acostuma-

dos e para o espaço em que "sempre" se sentiam à vontade. Espírito pioneiro não combina com o espírito burguês de tranqüilidade e descanso.

As procissões dos católicos no Brasil são diferentes. São duas alas que avançam, às vezes num ritmo tranqüilo, outras, apressadas para não quebrar a fila contínua. São homens e mulheres que caminham para frente, atrás da cruz que faz parte de suas vidas e seguidas pelo andor do santo padroeiro que os protege e apóia nas costas. Antigamente uma fila era dos homens e outra das mulheres. Em certos lugares um capeta com roupa vermelha cutucava com vara os devotos que não eram tão devotos assim. Hoje em dia, homens e mulheres se misturam, como é na sociedade comum. A procissão, porém, ficou em duas alas, porque os participantes são ambivalentes, santos e pecadores e as alas simbolizam as virtudes e serviços praticados ao lado dos vícios e males que destroem a dignidade dos filhos de Deus e a graça que lhes dá a verdadeira vida.

Dentro do universo em movimento, os seres humanos, cristãos, religiosos são peregrinos que começaram a andar e continuam a andar pelo caminho da vida. Porque Deus é absolutamente original e não gosta de abstrações, cada peregrino segue seu itinerário de altos e baixos, alegrias e tristezas, e escreve sua história, caminhando com muitos outros peregrinos e condicionado por eles. A vida humana é uma romaria, mesmo se não conduz à Aparecida do Norte ou Compostella. Surpresas há na frente, boas e más. Os passos podem ser firmes ou vacilantes e a pessoa animada ou cansada, a peregrinação avança, não em procura de um santuário, feito por mãos humanas, mas é Deus mesmo que atrai e seduz seus filhos. Ele está na frente, esperando a chegada e mostrando o seu

amor, perdão e tolerância incríveis, para garantir uma caminhada segura, apesar dos perigos da estrada e as quedas dos pobres peregrinos. Mas purificados pela misericórdia sempre renovada de Deus e alimentados com o Pão da Vida, os peregrinos desenvolvem sua vida caminhando até a porta da morte se abrir para o esplendor da luz e da verdade que é o mistério de Deus.

A própria celebração do milênio novo fornece um terceiro paradigma que quase é um aviso. Não interessa, se judeus, muçulmanos ou budistas comemoram outros anos, nem cálculo errado de um sábio astrônomo importa. É a cerimônia da porta que será aberta na basílica de São Pedro em Roma; esta porta será fechada de novo no fim do ano jubilar. Abrir a porta para passar em procura de Deus escondido e enfrentar novos desafios que a estrada oferece, às vezes nos momentos infelizes e inesperados, é um bom serviço aos peregrinos e ato de confiança. Entretanto, de novo fechar a porta tem algo trágico. Acontece muitas vezes na peregrinação. Animados, os peregrinos passam pela nova porta aberta, cheios de entusiasmo, coragem e criatividade.

A história de Pedro sempre se repete. Pescador experimentado, conhecia a segurança da barca e a realidade traiçoeira das águas. Teve a coragem admirável de sair da tranqüilidade da barca, ao encontro do Senhor ressuscitado. Andando sobre as águas, começou a sentir a ondulação em baixo dos pés e a força crescente do vento. Ficou com medo, perdeu a coragem inicial e quase se afogou, se o Senhor não o tivesse segurado pela mão. Na vida peregrina, muitas vezes é assim; na vida consagrada também. Abrem-se janelas e portas para respirar um novo ar que enche os peregrinos com nova energia para avançar. Mas

por causa da ventania nas costas e a insegurança do mundo dos mortais, aos poucos, portas e janelas são fechadas de novo, para ficarmos na paz de ontem, que está gasta. Há tempo para avançar e tempo para recuar, podia dizer o Eclesiastes. Até flores seguem esta tática; abrem-se de manhã no novo dia e se fecham à noite com o pôr do sol.

Futurologia é uma "ciência" arriscada e insegura. O novo milênio será a continuação do humano e demasiadamente humano, porque a árvore da experiência do bem e do mal sobreviveu ao jardim desaparecido. Em uma Igreja, forte-

mente centralizada, pouco colegial, com poucos leigos bem formados na fé e com sua profissão, a função do medo que freia o ritmo da caminhada tende a ocupar bastante lugar. Diante de novos desafios e propostas de ação, o medo facilmente fecha, até bate à porta com total condenação. No entanto, a palavra de ordem de Jesus é: não tenham medo! Ao menos o velho Gamaliel podia reentrar na história nova a escrever: se as coisas são dos homens, vão passar e acabar por si mesmas; se são de Deus, toda resistência será em vão. Só atrasará o ritmo de vida dos peregrinos para Deus.

7. A TERCEIRA PERNA

Se a memória não falha, foi Pio XII quem declarou uma vez, que a vitalidade da Igreja depende de três fatores: o clero, os religiosos e o laicato. No Brasil há muitos sacerdotes, mas apesar da importância maciça, seu número não é suficiente para atender eficazmente às necessidades religiosas e morais crescentes do povo. Por isso, a pastoral vocacional está gastando muita energia, mas o problema da perseverança dos candidatos ficou.

A vida consagrada, — uma belíssima abstração por cima da grande multiformidade dos religiosos —, mostra algo curioso. Alguém disse uma vez: a Igreja é uma assembléia de mulheres sob a direção de poucos homens. Falava-se da Igreja toda na realidade brasileira, mas indiretamente chamou a atenção ao fato que há muito mais religiosas mulheres, do que religiosos homens, sejam padres ou irmãos leigos, como se falava no passado. Por quê este desequilíbrio? Mulheres são mais religiosas do que homens no contexto presente? Estendendo a pergunta sobre todo o povo que frequenta as igrejas, uma pesquisa mais profunda procuraria explicações.

Todavia, a perna que parece mais fraca é o laicato. A palavra "leigo" tem infelizmente um sentido pejorativo de ignorante, incompetente e incapaz. De fato, laicato indica todo o Povo de Deus, tirando fora os homens ordenados, bispos e padres, e as pessoas da vida consagrada. Com outras palavras, trata-se da grande multidão dos católicos que freqüentam as igrejas ou são não-praticantes. Para formar líderes católicos na sociedade, a Ação Católica de Pio XI prestou ótimos serviços e sumiu. Veio a Ação Católica dos jovens, JEC, JAC, JUC, mas seus líderes foram abandonados e foram eliminados pelo regime militar. Entraram os Cursilhos, foram adaptados à mentalidade brasileira, mas o que começou com muito fervor encontrou problemas sérios de perseverança e consolidação. Os focolarinos fazem um bom trabalho, mas não parecem ter muita divulgação. Será mais um Minas que trabalha em silêncio?

O problema fundamental, porém, não está nos vários movimentos de leigos, casais, jovens, que ajudam a construir a Igreja real, divulgando e intensi-

ficando sua vida espiritual e práxis cristã. Tampouco está no crescimento dos ministérios, com boa fundamentação teológica. Fiéis, homens e mulheres, são convidados a assumir serviços pastorais, tradicionalmente prestados pelo clero em suas paróquias. Reduzidas na história a uma escala para o sacerdócio, as Ordens Menores foram abolidas, mas lembram algo a existir ainda. Seja qual for sua formação especial, estes ministros não possuem nenhum status eclesial e não recebem nenhuma remuneração, como os sacerdotes e diáconos permanentes. De fato, eles ajudam muito nas igrejas e capelas, distribuem a comunhão, levam-na aos doentes, batizam, pregam, são testemunhas qualificadas nos casamentos e fazem encomendação de defuntos.

No entanto vivem totalmente graças à seleção do clero e dependem em suas funções exclusivamente do beneplácito e agrado do padre ou do bispo. Ficam leigos, mas são atraídos dentro da esfera clerical, sem direitos ou status legal. Este paradoxo não se resolverá voltando ao passado das Ordens Menores, o que criaria um curioso embaraço diante da tonsura das mulheres. E deixa uma sombra. Pela escolha seletiva, bons leigos católicos, — Jesus não aceitou o título de Bom Mestre —, são retirados de suas responsabilidades nas áreas das realidades terrestres, família, economia, cultura, política. Documentos sobre cristãos leigos não faltam. Neste ano ainda a CNBB publicou um novo estudo sobre a missão e os ministérios deles. Quem lê este material?

O verdadeiro problema está na formação religiosa do laicato, adaptada às exigências reais e sérias da vida moderna, eventualmente pós-moderna. Geralmente as crianças recebem catequese da primeira Comunhão, e em número mui-

to reduzido seguem o catecismo da perseverança; depois, se o católico vai à Missa, escuta a prática do celebrante. Para cortar o orgulho e carreirismo em seus discípulos, Jesus coloca uma criança no meio e afirma que todos hão de ser como crianças. Esta lição não sugere uma infância perene. Católicos também crescem, amadurecem, freqüentam escolas e universidades, cursos de especialização, casam-se, criam família, trabalham em emprego; são empresários, profissionais liberais; tomam decisões, têm suas responsabilidades e, para usar uma expressão popular, são donos de seu próprio nariz. Não são mais crianças, mas criam uma consciência de autonomia no mundo atual, em que a linguagem religiosa densa do povo simples está desaparecendo e se transforma em uma linguagem secularizada, espalhada pelas escolas e meios de comunicação, televisão, rádio, jornais, revistas.

Por causa de viverem neste mundo presente de produção, consumo, política e cultura com sua mistura de ideologias e posturas, católicos leigos adultos encontram muitas complicações e problemas na área da fé e da moral que a catequese, recebida na infância e adolescência não resolve nem aborda. Muitos se afastam da Igreja, se distanciam dos ensinamentos oficiais das autoridades eclesiais e seguem seu caminho, enquanto podem, porque na religião de sua juventude não encontram respostas adequadas para os apertos e contradições existenciais e profissionais. Talvez se tornem folhas secas ao vento, mas em geral continuam a ser honestamente filhos de Adão e Eva, enquanto a fraqueza e o orgulho permitirem. São ameaças comuns de todos os peregrinos.

Tendo em conta o número de bispos, há poucos doutores em teologia e bem menos teólogos moralistas. Seu grupo

está crescendo, incluindo leigos. Nos dois últimos anos deste milênio, a Igreja no Brasil recebeu até três mulheres que são doutoras em teologia moral. Mas todas elas gastam sua energia geralmente em seminários, institutos de teologia e paróquias. Há publicações em revistas especializadas e pouco livros originais. Qual é a sua divulgação entre os leigos, mais absorvidos pelas exigências de sua profissão e vida familiar e com pouco tempo para ler livros religiosos?

Na prática, a catequese de adultos é tão complicada, porque o público é muito diversificado conforme classe social e profissão. Quem quer se entender, numa mesa redonda, com líderes sindicais, um empresário, um alto funcionário do ministério do trabalho e um advogado trabalhista, precisa ser poliglota por causa das linguagens diferentes que são

usadas. Somente um contato prolongado leva a entender os outros, fazendo-os chegar a uma certa aproximação e compreensão mútua. O texto oficial do Novo Catecismo é em latim, uma língua morta que o povo não entende e os teólogos quase não usam mais. Seja em latim, seja em tradução portuguesa, este livro enciclopédico se expressa em uma única linguagem tradicional. A sociedade brasileira atual conhece uma variedade de línguas, de trabalhadores rurais, sindicalistas, técnicos, profissionais liberais, políticos, além de diferenças regionais e variações religiosas e morais entre homens e mulheres, entre jovens e idosos. Todas estes leigos precisam entender a mensagem evangélica em sua própria linguagem, correspondendo às suas necessidades humanas cristãs. O evangelho é pentecostal.

8. EVANGELIZAÇÃO

Na rodovia o padre pegou o ônibus e sentou-se ao lado de um homem que estava lendo a Bíblia. Devia ser um crente. Não era. Era líder de uma Comunidade de Base católica, que ia ajudar sua irmã casada, que mora em outro povoado, a fundar uma Comunidade, "trem bom demais". Não era somente culto. Era catecismo, festas com leilões, cuidar dos doentes, ajudar pobres, merenda escolar, fazer mutirão e todas estas coisas.

Desde que os primeiros eremitas se retiraram no deserto, a vida consagrada se diversificou como os muitos ramos duma árvore secular. Cada instituto parece um armazém cheio de papéis, regras, Constituições, Estatutos, revista própria, cartas e conferências dos superiores, documentos da Santa Sé, de bispos, estudos do carisma original, biografias da santo fundador ou da santa fundadora, comentários de regras, propos-

tas de reforma, cursos de reciclagem, retiros. Nesta mata de impressionante biodiversidade, porém, todas as árvores, plantas, cipós, parasitas e flores se baseiam em algo comum, que é a terra fértil e produtiva da mensagem evangélica, geralmente escondida entre a densa vegetação.

Se as impressões não enganam, os escritos de Igrejas que descendem da tradição protestante estão mais ancorados na Bíblia do que muitos documentos e tratados dos católicos. Entrando na linha de certos pioneiros modernos da teologia moral ou ética cristã, os Padres do Concílio Vaticano II exortaram os moralistas a recolocarem suas reflexões dentro da totalidade do mistério de Cristo, alimentarem-se mais com a inspiração da Sagrada Escritura e explicitarem positivamente a sublimidade da vocação do Povo de Deus, educando-o a produ-

zir bons frutos de caridade e justiça para a vida do mundo inteiro. Quais foram os resultados, avanços e recuos desta orientação clara não interessa aqui. Importa entender, e o Concílio confirma, que esta exortação vale para a teologia toda. E por que não seria válida também para a produção dos documentos oficiais da Igreja? Seria realmente lamentável, se o grandioso e inesgotável mistério de Cristo, morto e ressuscitado, ficasse escondido atrás das cortinas de palavras, palavras, palavras.

Na revelação e vivência do mistério do Senhor Jesus, o Espírito Santo está constantemente presente e ativo, força unificadora do universo todo. Caminhando no mistério do início até o fim, A e Z, os peregrinos humanos entram e saem já durante muitos milênios; a Igreja, dois. Para usar uma sabedoria popular, "águas passadas não tocam moinho". A memória do passado é celebrada na Eucaristia que estimula, motiva e alimenta os fiéis para continuarem viagem, esperando o fim chegar e esperando chegar ao fim, a plena revelação de Deus, palavra que nem de longe mostrou todo seu esplendor. No passado Jesus prometeu aos seus discípulos o Espírito Santo que desceu em Pentecostes e faz de todos os fiéis seus templos. Ele convence o mundo que continuam vivas neles as suas iniquidades e cria por eles justiça, amor, fraternidade e paz. Com toda razão, descreveu São Paulo o homem de espírito em contraste com o homem da carne que se encontram juntos e opostos nos cristãos, santos e pecadores. Mas a felicidade de todos, a misericórdia e a tolerância de Deus vão para frente até o fim.

Aqui aparece o grande desafio da confiança nos outros. O Espírito Santo não conhece exclusividade e inspira e movimenta-se em toda a extensão do universo criado. Nem a Igreja católica nem as

autoridades eclesiais, com sua posição legal, tem o monopólio do Espírito Santo que trabalha nas consciências éticas de todos os cristãos. Na história da abolição da escravidão e da formulação dos Direitos Humanos, sua iluminação e correção se manifestaram fora da área dos católicos praticantes e dos cristãos em geral. Entender os sinais dos tempos é entender o que se passa nas consciências éticas de todas as pessoas. A Igreja não é uma cúpula de sábios acima de uma massa ignorante que não tem nem palpite para dar. Especialmente nas áreas de suas competências, casais e profissionais merecem atenção e confiança. Em consciência, todos ajudam a construção da Igreja pela sua prática que está à base da teoretização e discursos abstratos. Afinal de contas, por que os fiéis não de confiar no clero, se o clero não confia na capacidade e boa vontade deles? A fraqueza humana é comum.

O Concílio Vaticano II tem corrigido a velha tese de os religiosos ocuparem o "status" melhor na Igreja. Mas, decretos e documentos não mudam sempre atitudes envelhecidas pelo tempo, de modo imediato e radical. Em comunidades de vida consagrada há empregados e colaboradores. Muitas vezes, religiosos ocupam lugar de mando na pastoral e na vida de educandários, hospitais e outras obras sociais. Apesar do título, não são superiores para com os outros, leigos, colegas ou subalternos. Mais ainda, mandando ou não, a confiança mútua na vida com os outros faz parte da construção comum da Igreja, embora confiança não seja carta livre para ingenuidade.

Evangelizar é, em primeiro lugar, evangelizar-se a si mesmo, melhor, se deixar converter constantemente pelo Evangelho sob a luz do Espírito Santo. Num mundo em que cataratas de palavras caem nos ouvidos é mais necessá-

ria, não somente a seleção das palavras e o discernimento das afirmações, mas também a auto-realização dos cristãos, dos religiosos, conforme o modelo ou modelos do Evangelho. É a prática da Palavra que torna as palavras de qualquer discurso vivas e enchem-nas com

autenticidade, enquanto a condição humana permite. No novo milênio, o religioso será mais do que nunca homem de Deus, luz de Deus, fermento de Deus dentro de uma sociedade intranquilha à procura do bem-estar, justiça e paz para todos. O resto será acréscimo.

9. COMPETENTES PARA O FUTURO

Quanto mais os religiosos se tornam aprendizes dedicados do mistério de Deus, tanto mais será uma parcela da Igreja para a sociedade humana de amanhã. Na história da humanidade, o ritmo de Deus gasta milênios para moldar os filhos de Adão e Eva, homens e mulheres, como expressões semelhantes d'Ele mesmo e torná-los discípulos verdadeiros de seu Filho, Cristo Jesus, pela força vital do Espírito Santo. "Contemplativos" ou "ativos" ou "mistos", os religiosos pertencem a este contexto humano-terrestre, peregrinos com seis bilhões, número crescente, de companheiros na grande caminhada para Deus, o Pai comum. Pois todos foram dados às mãos de Cristo Jesus para, no fim, serem entregues ao Pai.

Infelizmente continuará operativa a imagem do dragão que destrói com sua

cauda um mundo de estrelas. Continuará a imagem que a carta aos Efésios cria, baseada na armadura de um soldado romano, pois é indispensável se vestir com a armadura de Deus e lutar, para não cair nas tentações e libertar-se do mal, libertando os outros. Mas o livro da esperança, o apocalipse de São João, fornece também as imagens visionárias da vitória do Cordeiro no altar de frente ao trono do Pai e cercado por multidões. A Eucaristia celebra aqui na terra já, o que é prelúdio não somente para o novo milênio, mas da casa das muitas moradas, em que a glória de Deus se manifestará em plenitude de paz e amor. O jeito é enfrentar com coragem o futuro, construindo uma Igreja mais evangélica, servindo à libertação do mundo.

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. Quais são as suas expectativas para com as ações da Igreja de ajudar a humanidade a construir o Reino de Deus em paz pela justiça e solidariedade?
 2. Qual será a contribuição de seu Instituto de vida consagrada, de você, para a evangelização dos outros?
-

Deus, meu "Pai"?

IR. MARIA DA CONCEIÇÃO CORRÊA-PINTO, CSA

INTRODUÇÃO

Não sei se para os religiosos e religiosas as dificuldades a respeito de chamar Deus de Pai são tão acentuadas como para muitas pessoas não consagradas na VR. Será que a compreensão adquirida pela formação humana e teológica minora a dificuldade encontrada tão freqüentemente nas rodas e grupos de homens e mulheres? Ou apenas um pudor impede religiosos e religiosas de manifestarem suas dificuldades?

Realmente, e diferentemente do que se possa pensar, o apelativo Pai para Deus, não é tão pacificamente aceito ou compreendido pelos cristãos e católicos deste final de milênio. Talvez nem todos nos demos conta desse fato, tão habituados a essa linguagem: uma imagem de Deus que acompanha os cristãos desde as suas raízes judaicas.

Toma força depois que Jesus Cristo usou esse apelativo que ele repetia, até carinhosamente. Deixava bem clara a sua carga humana, sensível, afetuosa com "ABBA", "Meu Pai querido"¹. E ensinou a seus discípulos a invocação "Pai nosso" para dirigirem-se ao Deus que ele chamou de "meu Pai e vosso Pai,

meu Deus e vosso Deus". A partir da maneira como falou, essa palavra Pai foi muito bem compreendida como veículo da mensagem central do seu Evangelho.

Ao referir-se ao Pai com tanta intimidade, Jesus revela a Trindade. Em consequência, só a partir da Trindade, se pode chegar a um conhecimento do Pai de Jesus Cristo e nosso Pai. A experiência de Filho que nos transmite Jesus é a de uma unidade amorosa com quem o gera. Unidade *sui generis*, que coexiste com a distinção perfeita, que faz possível que na pessoa de Jesus nos encontremos com a perfeita obediência ao Pai, e com a perfeita originalidade de Filho. Com vontade própria, Jesus conforma a sua à do Pai com a naturalidade e o prazer que o alimentar-nos nos traz, como razão de sua vida, o sentido de sua Encarnação.

A Igreja Apostólica e a antiguidade cristã dessa forma compreenderam a linguagem de Jesus. Os Padres também a empregaram. A partir dela se sistematizou a doutrina da Trindade, o que mostra bem o entendimento e a importância que lhe foi reconhecida. "Apalpando" a experiência filial de Jesus, vem a nossa

1. Ver o que diz a respeito do significado de Abbá, Pai: SUSIN, L.C., Meu Pai é vosso Pai, *Convergência*, n. 323, Maio 1999, p. 279 nota 18.

U
C
I
R
S
P
E
C
I
A
L
I
S
T
O
S
S
E
S
T
O
S
S
E
T
O
S
S
E
T
O
S

segurança e também, por que não? a carga afetiva com que empregamos para Deus a palavra Pai.

Séculos passaram. Passou o tempo da “cristandade”, na qual, tanto a linguagem bíblica, quanto a da doutrina eclesiástica só espicaçavam a fé do povo e dos teólogos, para aprofundá-la e “explicá-la”, não para contestá-la.

Hoje, vivemos outra realidade. As reflexões eruditas, mas também as divulgações popularizadas, quer do jogo das forças sociais, quer dos mecanismos psicológicos, como por exemplo o conhecimento da linguagem como criação e expressão de valores culturais exigem atenção especial para com a referência religiosa. Exigem uma resposta à suspeita das ciências críticas de que na linguagem cristã se misturem espuriamente nossos desejos de proteção, segurança e dominação; de que sob a *obediência e confiança no poder do Pai* se justifiquem a fraqueza e a fuga dos confrontos, de fato inevitáveis, para se conseguir a justiça na vida de sociedades e de indivíduos.

Ainda recentemente, em meados deste século, através de textos acadêmicos de mulheres estudiosas das ciências e da teologia, que, aliás, sempre mais partem da experiência de mulheres “não letradas”, surgiram suspeitas, perguntas e reflexões a respeito da adequação, legitimidade, e conseqüências do uso que se tem feito, através dos séculos, da paternidade de Deus compreendida a partir do apelativo Pai. Ponto que faz problema, já que a história tem demonstrado que houve uma evidente e generalizada finalidade, ainda que mais ou menos consciente por parte de ambos os gêneros, de se manter o *status* de subordinação das mulheres aos homens, o que compreende o afastamento delas da área pública da sociedade, bem como de

lhês negar o reconhecimento efetivo de direitos sócio-econômico-políticos. O apelativo de Pai dado a Deus tem desfavorecido a posição de equivalente cidadania para homens e mulheres.

No entanto, se pode perguntar se os inconvenientes de uma palavra para Deus, que sugira ao nosso imaginário uma sexualidade masculina determinariam uma outra “conveniência”, a de substituir radicalmente o apelativo tradicional, consagrado pela liturgia e, sobretudo, utilizado por Jesus, por outros apelativos, como acrescentar sistematicamente — ou automaticamente? — “Mãe”, dizendo sempre Deus “Pai e Mãe” ou utilizar imagens femininas ou, simplesmente, adotar outras imagens bíblicas para a primeira pessoa da Trindade, como Fonte, Rochedo — o que vem sendo a preferência de teólogos e agentes de pastoral — imagens não usadas por Jesus. Aliás, por que não as teria utilizado Jesus?

No caso das mulheres e homens consagrados na VR, todos esses avatares os atingem, claro, com uma especificidade, porém, a do risco de que transponham para as autoridades reconhecidas sobretudo (mas não só) do campo religioso, um conceito de obediência particularmente sacralizado como conseqüência do voto de obediência. A sacralização oferece, pelo menos, o risco de distanciar-se da atitude crítica aceitando mais facilmente valores culturais, sem perceber que não sejam coerentes com a fé. Nesse sentido, consagradas e consagrados na VR, como todos os cristãos, temos necessidade de purificar corrigindo o termo Pai atribuído a Deus. Empregando-o, da maneira mais forte e carinhosa que possamos, é preciso não fazê-lo com cargas emotivas inibidoras, nem com uma fatalidade da qual gostaríamos de nos libertar. Antes, com o

amor que resplandece nas palavras de Paulo "Sei em quem acreditei".

A problemática e a reflexão teológica referente a essa questão é muito vasta. A CONVERGÊNCIA neste ano do Pai, pôs sob nossos olhos uma série de artigos muito felizes que, em conjunto, constituem um válido curso a respeito do Pai².

Neste artigo proponho algumas informações e reflexões que aparecem na teologia feita por mulheres: (1) As dificuldades de mulheres teólogas a respeito da metáfora Pai dada a Deus; (2) Outros acentos nas reflexões de teologia cristã feita por mulheres; (3) Meu pai terrestre, imagem de Deus "Pai".

1. DIFICULDADES DE TEÓLOGAS A RESPEITO DA METÁFORA DEUS "PAI"

As objeções mais consistentes se prendem à função da linguagem e sua influência sobre o imaginário de homens e mulheres.

A linguagem "não é um instrumento, mas uma mediação"³, não é posterior à compreensão que temos do real, mas a nossa compreensão do real é sempre interpretativa passando pela linguagem, oral ou não, a qual faz parte do processo de conhecimento e pela qual exprimimos nossa percepção. Dessa forma, já se compreende que embora usando uma mesma palavra — porque símbolos comuns são a única maneira de nos comunicarmos uns com os outros como seres sociais — a mesma palavra, "Deus" evoque em cada um de nós um matiz particular, ainda que professemos a mesma fé. Porque, cada um de nós tem a sua originalidade, *é pessoa*, e essa originalidade entra no processo de percepção de cada um. Para a originalidade entram fatores múltiplos, a nossa história individual, familiar, coletiva, nossas condições físicas e psíquicas, nossa cosmovisão, nossa fé, todo o peso cultural, tudo, enfim, que faz que cada um de nós seja um "eu" próprio e diferente de todos os outros "eus" que, em conjunto somos a espécie humana. Algo similar aconte-

ce com grupos sobretudo se têm identidade forte, e com mais razão, com o *gênero mulher* e com o *gênero homem*.

Assim, é natural que, em relação a uma palavra tão importante como é a denominação de Deus, homens e mulheres a ressintam com sensibilidades diversas. No caso, a diversidade, poder-se-ia dizer, vem sobretudo da cultura judeu-cristã que privilegiou a dignidade do gênero masculino em detrimento da dignidade (embora jamais negada) do gênero feminino. Não vem de Cristo, vem da cultura eclesiástica, que se ressentiu da judaica, da helênica e da romana. Na verdade, a cultura é coisa tão forte e renitente, que toda a pregação anti-cultural de Jesus com respeito às mulheres, foi registrada no Novo Testamento mas não respeitada na seqüência da história da Igreja. Experimentamos que os hábitos ("aquilo que a gente tem") dificilmente são ultrapassados, toda sorte de "racionalizações" os defendem. As palavras utilizadas numa cultura, até subliminarmente, ao mesmo tempo criam e reforçam essa cultura. E o cristianismo se desenvolveu em cultura patriarcal.

Esse fato de o judeu-cristianismo privilegiar o gênero masculino fez nascer o protesto de teólogas judias e cristãs con-

2. LIBANIO, J.B., I A experiência de Deus Pai, hoje, Março; KONINGS, J. O evangelho da vontade do Pai, Abril; GOMES, P. R. Deus Pai e os excluídos, Maio; SUSIN, L.C. Meu Pai é Vosso Pai, Junho.

3. CHAUVET, L.-M. *Les sacrements*. Parole de Dieu au risque du Corps, Paris, Ed. Ouvrières, 1993, p.21.

tra a nomeação de Deus "Pai", sobretudo no último século.

Em primeiro lugar, porque a cultura mudou da cristandade para a modernidade. As reivindicações religiosas das mulheres já vêm de 1840, quando se fundou nos Estados Unidos um primeiro grupo feminista, e eclodiram no final do século XIX, com o aparecimento da Bíblia da Mulher, de Elisabeth C. Stanton, que reinterpretava passagens bíblicas à luz da nova consciência que tinham as mulheres de si mesmas. De então para cá, a atividade de reflexão de teologia bíblica e sistemática por parte de mulheres cristãs não cessou. Deram-se conta de que não só a Bíblia foi escrita por varões, numa cultura patriarcal androcêntrica, mas também, a interpretação de biblistas, as reflexões sistemáticas e as leis que administram a Igreja tinham o mesmo vazo androcêntrico.

Por esse tempo, as últimas décadas do século XIX e por todo o século XX, as teólogas pensam e reagem como pessoas de seu tempo, com a mentalidade moderna marcada pela racionalidade e autonomia. A figura paterna, abalada pela análise psicanalítica freudiana, foi-se despindo da autoridade incontestável que o patriarcado lhe conferira.

De outro lado, Deus Pai é central na revelação de Jesus e conseqüentemente está presente em nossa vida diária, não só na oração do "Pai Nosso", mas como destinatário das orações litúrgicas. Tornou-se assim o "Pai" um inescapável desafio para as mulheres que refletem sobre a condição feminina — como se vê em grupos de adultas e adolescentes — e para as teólogas em particular. No entanto entre homens, alunos e professores de teologia, se encontram aqueles

que percebem as conseqüências restritivas para as mulheres providas das imagens masculinas atribuídas a Deus.

As principais objeções feitas a Deus "Pai" podem ser compreendidas a partir da célebre frase-chave da autoria de Mary Daly ainda no meio da década de 70 "se Deus é varão, então o varão é Deus"⁴. Claro que essa teóloga sabia muito bem que não há sexualidade em Deus. Suas palavras porém, acentuam que a expressão patriarcal Deus "Pai" marcou de tal forma o imaginário de homens e mulheres que também confirmou o *status* patriarcal da sociedade, legitimando e mesmo justificando a dominação masculina, bem como criando uma imagem da mulher como ser enfraquecido na inteligência e na vontade, bom para a procriação, mas incapaz de atuação na esfera pública — na qual se incluem todas as atuações eclesiásticas, inclusive a teológica.

De muito pouco adianta que do ponto de vista teológico se saiba que Deus não é um varão, nem sexuado. Deus tem sido andropomorfizado e sua pretensa imagem masculina ainda é reforçada pelo Filho, Jesus Cristo, verdadeiramente humano, cuja encarnação o fez igual a toda a espécie humana, salvo no pecado, mas que, devendo ter um sexo como todos os humanos, e tendo-o masculino, é considerado não representável pelas mulheres. De fato, ainda hoje a teologia católica oficial vê a impossibilidade do ministério presbiteral feminino pelo fato de não poderem as mulheres atuarem "*in persona Christi*". A História atesta a interação entre a imagem patriarcal de Deus e o poder masculino na sociedade e na Igreja. A mesma Mary Daly propugna por uma imagem de Deus não *andromorfa*, mas *antropomórfica*, que possa

4. DALY, Mary, *Beyond God the Father. Toward a philosophy of women's liberation.*, Boston, Beacon Press, 1973, p.19.

ser entendida para além do masculino ou feminino.⁵

A concepção de mulher herdada do judaísmo atribuía ao sexo feminino conotações de uma humanidade “deformada” no sentido de fruto do pecado no seu corpo como nas suas más qualidades morais (sedutora, invejosa, ardilosa, sensual, etc. como consta dos Sapienciais do Antigo Testamento). Essa concepção vingou cristianismo afora, resultando numa atribuição à mulher de imagem de Deus na ordem da graça, mas não imagem de Deus enquanto seu corpo sexuado (Sto Agostinho). As conseqüências para as cristãs devotas, só podia ser a de um ideal de perda dos atributos femininos, para assim se identificar com o Deus identificado com o gênero masculino. A história do cristianismo nos dá conta desse esforço de tantas mulheres, que se sacrificaram ilusoriamente sob esse aspecto na Vida Religiosa. Vestígios dessa mentalidade eram encontradiços até poucos anos atrás — e na verdade, ainda não desapareceram totalmente.

Impossível não ver que chamar Deus “Pai” só podia reforçar os inconvenientes dessa mentalidade masculinizante — e machista — compartilhada pelas mulheres e que, no entanto, negava sua identidade.

Mulheres teólogas que refletem nas implicações da nomenclatura Deus “Pai” não se atêm apenas à reflexão teológica. Com Freud e Jung, vêem as implicações psicológicas no uso de imagens e símbo-

los que se fixam no psiquismo atrapalhando seu amadurecimento, impedindo a autonomia própria do ser pessoa. Mas se as mulheres rejeitarem a dominação dos homens então implodirá também a autoridade da imagem patriarcal de Deus.⁶ De fato, freqüentemente tenho encontrado mulheres jovens e maduras que rejeitam chamar Deus de Pai porque — explicitam — a sua experiência do pai biológico foi a de autoridade dominadora e coercitiva. Mas isso também já verifiquei com respeito à Mãe, e nesse caso a revolta ou pelo menos, a “dificuldade de relacionamento” acontece com a figura materna de Maria, Mãe de Jesus. Numa sociedade já dita “sem pais”⁷, não só os pais varões estão com seu nome “em baixa”, mas o que há é uma crise de autoridade que envolve especialmente a parentalidade. Mas, por conveniência de vocabulário concreto, acessível, plástico, é talvez sobretudo por influência do freudismo, é o “pai” que prevalece como vilão, causa e justificador da revolta.⁸

Ainda que reconhecendo a justeza das objeções feitas pelas teólogas, é de se lamentar que tais dificuldades, levadas ao extremo tenham redundado para algumas num abandono da Igreja de Cristo, o que atesta a consciência da centralidade da revelação da paternidade de Deus na mensagem de Cristo.

É verdade que a experiência das mulheres é difícil de ser definida. Mas é sempre modelada, mais ou menos acentuadamente pela cultura centrada no varão. Todas as mulheres não sofrem igual-

5. Propõe “being”, existência. Palavra abstrata, fora da índole bíblica e da revelação de Jesus. A Autora acaba por deixar a Igreja, considerando-a incompatível com a realidade da mulher.

6. Cf. GOLDENBERG, n. *Changing of the Gods*, Boston, 1979, p. 36.

7. O tema tem vindo à tona freqüentemente, já pelo enfraquecimento da figura paterna em nossa sociedade, já pela inexistência dessa figura em grande número de lares, o que traz dificuldades não só sócio-psico-econômicas para a educação dos filhos, como também sobrecarga aos ombros das mulheres “chefes-de-família”.

8. Interessante ver como na “Análise transacional” de matriz freudiana, dá-se o nome de “pai” ao “super-ego” castrador e que no entanto tem desdobramentos múltiplos, não ligados à realidade paterna. Cf. HARRIS, Thomas *Eu estou OK, Você está OK, Rio de Janeiro, 1997* Oitava Edição.

a
i
c
c
é
n
b
b
r
c
r
v
c
e
n
o
c

mente de falta de autonomia. Um critério possível para se distinguir a consciência interior de liberdade pode bem ser algum tipo de engajamento que tenham em relação a outros grupos oprimidos, por motivo de raça ou outras discriminações. E é bem visível a transfor-

mação positiva na compreensão da própria identidade e autonomia por parte das mulheres — também as consagradas na VR — que trabalham em movimentos sociais, principalmente os populares ou se dedicam como agentes de pastoral.

2. OUTROS ACENTOS NAS REFLEXÕES DE TEOLOGIA CRISTÃ FEITA POR MULHERES

Proponho alguns acenos a idéias de teólogas⁹ que dos últimos 15 anos para cá, abordaram com muita felicidade a questão do emprego da expressão Deus “Pai”.

Refletindo nos moldes de uma teologia heurística e metafórica, e dentro da sua preocupação de encontrar apelativos para Deus, “modelos de Deus”, consoantes com as realidades, problemas e aspirações de nossa era nuclear, Sallie McFague coloca-se fundamentalmente numa posição cosmológica. Propõe em primeiro lugar a metáfora de Corpo de Deus para o mundo. Mundo, Corpo de Deus, estaria a serviço da visão imaginativa que enfatiza a interdependência, solicitude, responsabilidade pelas formas de vida. Isso inclui interdependência de não viventes e viventes.

Entre estes últimos, com especificidade particular, a da consciência, estão os humanos. A abrangência das relações Deus-mundo deveria impedir que se utilizassem expressões cristalizadas, como que numa linguagem absoluta. Tanto mais que a linguagem metafórica tem como característica decisiva a não adequação, o que aponta para a incognoscibilidade e inefabilidade de Deus.

As boas metáforas para a relação Deus-eres humanos são as que interpretam o amor salvífico de Deus e portanto expressem esse relacionamento, de preferência às que digam em primeiro lugar atributos divinos evocados por elementos da natureza como rocha, fogo, etc. Assim, além de eloqüentes, diz a Autora, se completam mutuamente “pai/mãe, amante, amigo/a”. Tais metáforas preencham requisitos, importantes, o do *impacto* e do *reconhecimento* ao mesmo tempo que provocam uma nova resposta; e de alguma forma são verdadeiras, por evocarem um aspecto do Mistério de Cristo. O que é preciso evitar é que falemos de Deus com palavras que suscitem a “tirania de uma imaginação absolutizadora” com pretensão a serem únicas e permanentes. Assim palavras que sugerem um Deus distante, triunfalista, temível que salva seus súditos pelo sacrifício deles ou um Deus benevolente mas igualmente distante, como no caso do modelo monárquico. Este modelo, a mais desses inconvenientes, não favorece configurações características do Cristo paradigmático como sejam: a desestabilização de valores opostos à visão divina dos relacionamentos humanos, (pre-

9. McFAGUE, Sallie, *Modelos de Deus* Teologia para uma era ecológica e nuclear, São Paulo, Paulus, 1996 (or. de 1987); PORCILE SANTISO, Maria Teresa, S. Paulo, Paulinas, 1993 (or. 1991); JOHNSON, Elisabeth, *Aquela que é*, Petrópolis, Vozes, 1995 (or. de 1992); BINGUEMER, Maria Clara L. Abbá: Um Pai maternal em: HACKMANN, G. L.B. *Deus Pai*, Porto Alegre, EDIPUC, 1999.

sente nas parábolas); a inclusão (presente na mesa compartilhada); a não hierarquização (presente na cruz); a proximidade de Deus com o mundo (presente na Ressurreição).¹⁰

Importa a colocação acima, pois que dá base para compreendermos porque a Autora não descarta a metáfora Pai para Deus. Acrescenta e enfatiza a de Mãe, visto que a imagem do Pai está historicamente carregada de carga monárquica, patriarcal. As imagens femininas, por seu lado, precisam passar a ser vistas sem carga de sexualidade negativa, ou pejorativa. Na verdade, todas as palavras que se referem ao humano incluem a sexualidade, e não há porque evitá-la ao atribuir uma palavra a Deus, pois que nos criando à sua imagem, apresentasse a nós apenas com a possibilidade de ser imaginado num dos dois gêneros. Mas, o que atrapalha é que, no caso das imagens masculinas dadas historicamente a Deus, a sexualidade permanece subliminar ou é aceita simplesmente, não chama a atenção, tão habituados estamos ao seu emprego. Por esses motivos igualmente, as imagens femininas são tão dificilmente aceitas. E, no entanto, se justificam tanto do ponto de vista bíblico quanto de antropologia teológica. Assim sendo, o emprego de "Pai" para Deus por motivo de conveniência não deveria ser enfatizado. Deveríamos preferir outras metáforas, femininas ou não, mas que não só não reforçassem o modelo monárquico e hierarquizante, mas abrissem para as características do paradigma cristão.

A uruguaia Santiso, a americana Johnson e a brasileira Bingemer concordam com a comprovada distorção da visão de Deus por conta do uso das imagens masculinas. As constatações e argumentos anteriores de Mary Daly são sustentadas pelas três. Santiso adverte para a influência negativa não só de Freud mas também de Jung e cita outra teóloga que estudou a questão antes das três que estamos apresentando. "Ambas as visões (de Freud e Jung) são igualmente desastrosas para a libertação da mulher. Mas a junguiana é, em certo sentido, mais perigosa, por ser mais sedutora e porque seu caráter ideológico não é tão evidente".¹¹ Tudo combina muito com a idéia de que os teóricos da psicologia das profundezas reforçaram, proporcionando uma base empírico-científica para a realidade e o imaginário patriarcal e monárquico de pai.

Elisabeth Johnson diz que embora o símbolo paterno "não signifique que Deus é Pai no sentido literal ou ontológico, como se a paternidade constituísse a essência divina, o uso bíblico (p.ex. Dt 32,18) bem como o do primeiro artigo do Credo tornou a metáfora Deus "Pai" excessivamente literalizada e monopolizou de tal forma a linguagem em relação a Deus que o símbolo de Deus como Mãe da mesma forma legítimo e de certo forma mais adequado ficou eclipsado".¹²

Acima grifei nas palavras de E. Johnson "o símbolo Deus como Mãe (...) de certo modo mais adequado" que o de Deus Pai. Os argumentos para essa maior

10. Na referência à Ressurreição, a Autora não se refere ao tempo do Espírito, não ficando clara a forma de presença de Cristo no mundo. Na verdade, o livro em questão traz idéias muito interessantes, provocativas e esclarecedoras. Apresenta, no entanto, omissões e imprecisões na sua linguagem que obrigam a reservas por parte da teologia católica.

11. RUETHER, R.R. *Mujer nueva, Tierra nueva*. La liberación del hombre y la mujer en un mundo renovado, Buenos Aires, Megalopolis, 1997 (or.1975) p.168. V. tb. CORRÊA-PINTO, M.C.. *A Dimensão Política da mulher*, Paulinas, 1992 p. 111ss.

12. *Aquela...* p.253 (grifos meus).

adequação vêm, em primeiro lugar, do reconhecimento de que para falarmos do nosso relacionamento com Deus as formas análogas mais “importantes” são as que ligam pais e filhos. No entanto, “uma vez que são as mães cujos corpos geram, nutrem e dão à luz os novos seres humanos e, conforme a estrutura tradicional da sociedade são elas que com mais frequência assumem a responsabilidade de alimentar, criar e educar os filhos até atingirem a maturidade, a linguagem em relação a Deus como mãe encerra um poder singular de expressar o relacionamento humano com o mistério que gera e sustenta”.¹³ Coisa muito boa, portanto, o fato que já há algum tempo, — acentuando-se atualmente, se pesquisem cuidadosamente expressões femininas para falar de Deus

Em segundo lugar, e como prova da exatidão do primeiro, a Bíblia emprega para Deus metáforas exclusivas da vida das mulheres, como gravidez, nascimento, amamentação, alimentação, cuidados e educação, proteção irada ou carinhosa.¹⁴ E os escritores cristãos posteriores, embora demasiadamente discretos não se esqueceram das metáforas femininas. Até que recentemente João Paulo I, “assombrou” a Igreja com a referência à maternidade divina.¹⁵

Maria Clara Lucchetti Bingemer, sob o título “O Pai de entranhas maternas”,¹⁶

faz um apanhado das expressões bíblicas femininas usadas para Deus, acompanhando-as de comentários que se lêem com proveito e prazer. Características femininas de Deus que o sugerem como Pai forte, mãe compassiva, consoladora, protetora “que revela força mas também criatividade, equilíbrio e beleza”,¹⁷ é clemente, misericordiosa, pelos filhos geme e sufoca em dores de parto, perdoa e é fiel, terna. E depois de repassar imagens e atitudes dadas pela Escritura como femininas, e atribuídas a Deus, pergunta a Autora: “Por que não pode o mesmo Deus que é conhecido e adorado pelas pessoas como um libertador forte, guerreiro terrível, e Senhor poderoso, ser conhecido como mãe terna?”¹⁸

Além, disso a Autora examina, em belas páginas, as características femininas das três Pessoas divinas, para concluir com a proposição: “creio em Deus que é Pai maternal”. Nessa confissão de fé dá conta de que em relação à antropologia e ao conceito de Deus, a imagem divina é encontrada em mulheres como também em homens. Se o Deus em quem acreditamos tem características e modos de se comportar, tanto masculinos como femininos, então, para descrever a Deus, será de agora em diante necessário usar palavras, metáforas e imagens que são masculinas e femininas.

13. *Aquela...* p.250.

14. *Aquela...* p.251.

15. A Autora descreve numa bela página o episódio e transcreve o trecho do discurso de João Paulo I. Cf. *Aquela...* p.251.

16. Item do excelente capítulo dessa Autora brasileira de renome internacional. Cf. Abba: Um Pai Maternal em: HACKMANN, g. l. b. (org) *Deus Pai*, Porto Alegre, EDIPUCRS, pp. 143-196.

17. Abba..., p.182.

18. Abba... p.194.

3. MEU PAI, IMAGEM DE DEUS MEU "PAI"

Ou faço Deus à imagem de meu pai terrestre?

A reflexão e a conclusão acima expostas, ainda que não digam toda a riqueza dos textos das Autoras, deixam uma questão instigante. É que a metáfora Deus "Pai" empresta há séculos — milênios — a forma e o conteúdo de uma invocação feita com amor e convicção. Não é possível que mesmo nos tempos atuais, que já a sentem acumulada de tanta carga negativa, essa metáfora não tenha por si mesma uma conotação positiva, que aqueça nossa fé e ilumine a inteligência, sob as asas do Espírito.

A linguagem teológica propõe-se a falar de alguma coisa a mais para além do mundo exterior cuja descrição compete às ciências empíricas.¹⁹ Pretende falar do inefável, e por isso mesmo não se pode perder de vista que é, e será sempre inadequada, sempre aquém do que quereira exprimir — ainda no caso de que, de fato fosse sabido o que vem a ser a realidade do Absoluto.

A linguagem sobre Deus não pode funcionar adequadamente a título de explicação científica. E, de um ponto de vista funcional, a linguagem é um produto social complexo, que comporta numerosos usos legítimos. A teologia afirma que nos aproximamos da verdade de Deus "*via negationis*", atribuindo-lhe algo de nosso conhecimento e negando a limitação. Como tem sido dito aqui, nenhum símbolo, figura, metáfora, apelativo, lhe é adequada.

O que procuramos é nos aproximar, primeiro, via nosso conhecimento, em seguida tomando a distância que reconhecemos requerida pelo Ser Absoluto.

A experiência histórica nos tem mostrado que algumas metáforas são mais convenientes que outras, no sentido de nos ajudarem a aproximações menos distorcidas. As correções são *sempre* necessárias, e a própria Escritura nos alerta (Só Deus é bom, ninguém é Mestre, os pais terrestres ainda que incapazes de dar pedras ao filho que pede pão, não são bons, amorosos absolutamente, como o Pai celeste). Assim, ao aplicar a metáfora a Deus, a própria realidade de Deus se constitui numa crítica à realidade humana que forneceu a metáfora. Esta idéia deveria nos bastar para tratar a palavra atribuída a Deus com a prudência, o equilíbrio que a relativiza, sem permitir confusão entre o que aponta em Deus e as limitações das vivências humanas.

Isso quer dizer que, embora a Revelação nos diga que Deus nos fez à sua imagem e semelhança e nos fez homens e mulheres, na verdade para poder pensá-Lo usamos nossa experiência de criaturas. Nossa realidade de criaturas põe essa condição, apesar de termos tão próxima a imagem perfeita do Pai na Pessoa revelada do Verbo, o Filho de Deus Encarnado, Jesus Cristo, nosso irmão, da mesma natureza humana que a nossa, o que nos permite participar da natureza divina, como filhos adotivos do Pai. Realidade grande demais, só acessível, porque o Amor do Pai e do Filho, o Espírito, nos assiste com o dom da fé.

Se assim é, e cremos que o Pai é a fonte de todo esse Mistério e ao mesmo tempo da nossa vida, misteriosa também, será que o apelativo de Pai ao qual Jesus nos convida — e com insistência — não terá por si mesmo algo a nos desvelar?

19. Cf. FERRÉ, F. *Le langage religieux a-t-il un sens?* Logique moderne et Foi. Paris, Cerf, 1970, p. 56.

Quero dizer, não só no registro da alta reflexão teológica da impenetrável Trindade, mas, simplesmente a partir de nossa experiência do dia a dia?

Em nossa sociedade violenta, vemos diariamente na TV a reação de pais e mães reivindicando justiça para seus filhos e filhas vitimados. Pode-se observar facilmente os sentimentos paralelos dificilmente comparáveis em sentido de maior ou menor intensidade entre pais e mães. De maneira geral, porém, estas últimas se manifestam mais extrovertidamente; nos homens, os pais, se percebem sentimentos mais contidos — impressionantes muitas vezes pela intensidade, apesar das mostras de inibição.

A partir dessas observações, tão facilmente controláveis, talvez pudéssemos nos aproximar de algo peculiar à metáfora Deus “Pai”, no sentido de nos sugerir um aspecto do amor salvífico de Deus que aparece diferente nas metáforas Deus “Mãe” e noutros símbolos femininos. Tento a seguir:

Será que poderíamos dizer que as figuras femininas de Deus nos patenteiam com a proximidade, a experiência física e psicológica ressentida pela maioria das mulheres, mas, tão inerente ao gênero que até as mulheres não-mães evidentemente dela participam enquanto mulheres? (Não estou falando de maternidade espiritual neste momento). Haveria como que uma “osmose” entre as mulheres que têm a experiência física da maternidade e as demais, que faz mesmo a mulher sem essa experiência valorar diferentemente dos homens o processo da relação sexual, da gravidez, do parto, da amamentação e da relação de maternidade.

Com toda a evidência, ao mesmo tempo que sutileza do relacionamento peculiar íntimo entre mãe e filho ou filha, é como se pudéssemos identificar a ori-

gem física, psicológica, usando inclusive as categorias primordiais de tempo e espaço para perceber até que ponto a realidade da maternidade pode ser profunda, íntima, tão humana que seja privilegiadamente capaz de nos dizer acerca da nossa relação com Deus e por aí, conhecer a Deus Ele mesmo.

Será que paralelamente não se pode, perceber na metáfora “Pai” para Deus algo peculiar da nossa experiência com o pai terrestre e por aí, também, do nosso conhecimento da divindade? Não é verdade que é uma incógnita para nós, quando nos detemos na questão, o fato de que apesar de não termos com o pai terrestre os motivos de intimidade física — temporal e espacial, como para com nossas mães e com todas as suas consequências — apesar disso percebemos ter com o pai terrestre uma ligação absolutamente diferente da que temos com todas as outras pessoas? (o que explicaria que, quando há queixas — reais ou ilusórias — elas tomam o peso até catastrófico que se verifica infelizmente em tantos relacionamentos pai-filho ou filha?)

Será que esse relacionamento pai-filho ou filha não nos pode aproximar do ponto crucial para a fé que inclui ao mesmo tempo a certeza do amor de Deus e a inacessibilidade do processo desse amor? Esse amor de Deus nos é desvelado, nesse ponto, por uma pessoa cuja intervenção em nossa vida é, sem medida, maior que nos podem fazer perceber os elementos que, por sua natureza mais exterior, manifestam tão precariamente a intensidade e “quantidade” desse amor, e que, no entanto, a nossos olhos, principalmente até a idade adulta, são os que com mais clareza dispomos para nos ajudar a identificá-lo?

A metáfora “Pai” não esgota, nem poderia, como nenhuma outra, ou nenhum conceito metafísico — a realidade de

Deus. A Bíblia procura aproximações ainda que de caráter antropomórfico, como a da Mãe, e outra femininas, a Sabedoria criadora (Pr. 8,23-31), a Glória divina (Sheekiná) mediadora, que reconcilia Deus com seu povo. O uso bíblico dos dois tipos de metáforas ensinam já bastante acerca da proximidade e incompreensibilidade de Deus.

Talvez se possa dizer ainda que a metáfora do "Pai", justamente por sugerir proteção, carinho, etc., mas de maneira muito menos "evidente" que a metáfora "Mãe", por isso mesmo sugere de maneira diferente que a da "Mãe", uma aproximação especial de Deus. Quero dizer, todo o processo da maternidade põe sob nossos sentidos os zelos maternos. Enquanto os zelos do pai, a experiência

mostra como são feitos de apreensões, angústias contidas, sofrimentos disfarçados para que não passem para a família, carinho desajeitado; de quanta afeição que faz transpor as montanhas dos seus limites pessoais e as das incompreensões de outros; zelos que por trazerem consigo algo de não compreendido, não mensurável, são acompanhados de sofrimento que permanece sem remédio e sem consolo. Talvez esse amor do pai terrestre se pareça muito com o Outro amor, com a bondade misericordiosa, tão pouco compreendida por nós, tão esquecida, e até recebida como um Dom "devido" de Deus nosso Pai.

"Felipe, quem me vê, vê o Pai". Felipe compreendeu?

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. Nos grupos de homens e mulheres com os quais você convive e trabalha, causa dificuldade chamar Deus de "Pai"? Por que sim, por que não?
2. Essas mesmas pessoas já refletiram nas diferenças entre os sentimentos e as atitudes entre mães e pais?

♦

Se assim é, e cremos que o Pai é a fonte de todo esse Mistério e ao mesmo tempo da nossa vida, misteriosa também, será que o apelativo de Pai ao qual Jesus nos convida — e com insistência — não terá por si mesmo algo a nos desvelar? Quero dizer, não só no registro da alta reflexão teológica da impenetrável Trindade, mas, simplesmente a partir de nossa experiência do dia a dia?

♦

“Eu e o Pai somos Um” (Jo 10,30)

Os Fundamentos de uma Espiritualidade Cristã

PE. JALDEMIR VITÓRIO, SJ

A afirmação de Jesus — *“Eu e o Pai somos um”* (Jo 10,30) — chocou seus interlocutores, que a consideraram blasfema. Ele, entretanto, estava apenas revelando um elemento fundamental de sua identidade, para o qual deveria estar focalizada também a identidade de seus discípulos: sua vida estava totalmente enraizada no Pai.

Neste texto, explicitamos

- 1) O contexto religioso conflitivo no qual Jesus fez a sua revelação,
- 2) bem como o conflito presente no contexto literário no qual está inserida.
- 3) O mistério da unidade, na experiência de Jesus, acontece no âmbito do envio e da missão por parte do Pai, tema presente ao longo de todo o evangelho de João.
- 4) A intenção de Jesus pode ser discernida, também, a partir da metáfora do Bom Pastor, em cujo âmbito ocorre Jo 10,30.
- 5) Da revelação do mistério da unidade entre Jesus e o Pai, podem ser deduzidas algumas pistas para a vivência da espiritualidade cristã, numa linha de mística evangélica.

1. A COMUNIDADE DE JOÃO E SEU CONTEXTO CONFLITIVO

A correta interpretação dos evangelhos supõe o conhecimento dos diferentes contextos de origem. A atividade teológico-catequética de cada evangelista tinha em vista os desafios enfrentados pelos membros da sua comunidade na vivência da fé. As comunidades subjacentes aos evangelhos viviam em estado de tensão, devido a diversos fatores que incidiam sobre elas de maneira acentuada. Externamente, padeciam perseguições e incompreensões que resultavam em desânimo, deserções e apostasias. In-

ternamente, surgiam problemas de liderança, de incertezas quanto aos rumos a serem dados à comunidade, de facções ideológicas, de perda do vigor da fé e de relaxamento moral.

A comunidade joanina não fazia exceção à regra. Uma leitura atenta do evangelho de João, escrito entre os anos 80-85, com retoques nos anos sucessivos, basta para perceber a situação conflitiva vivida pela comunidade. A afirmação de Jesus — *“Eu e o Pai somos um”* — situa-se no âmbito destes conflitos.

Fixemo-nos num só ponto: a desavença com a sinagoga judaica.¹ A destruição de Jerusalém, pelos romanos, no ano 70 d. C., foi um duro golpe para o judaísmo. Os judeus viram-se privados de suas instituições mais veneráveis: a Cidade Santa, o Templo, o culto, o sacerdócio. Os referenciais de sua experiência de Deus foram eliminados de uma hora para outra.

A restauração do judaísmo começou a ser articulada por volta do ano 80 d. C., por obra de um grupo de rabinos, com o apoio dos fariseus, reunidos na pequena cidade de Jâmnia, perto da atual Tel-Aviv. O trabalho de reconstrução consistiu em uniformizar as práticas religiosas judaicas. As várias tendências religiosas procuraram pôr-se de acordo; foi fixado um calendário comum para as festas religiosas; a liturgia sinagagal passou por um processo de unificação; definiu-se o elenco dos livros da Bíblia; a tradição oral começou ser organizada. Este foi o caminho encontrado para fazer frente ao risco de desagregação e, por consequência, de desaparecimento.

No âmbito do processo de uniformização de Jâmnia, também os cristãos da comunidade de João — de origem judaica, na sua maioria — foram intimados a abrir mão de suas peculiaridades e assumir o esquema unificado de prática da fé. Houve resistência e, por isso, tornaram-se ferrenhos adversários dos judeus ligados à sinagoga. A controvérsia entre estes dois grupos, ambos herdeiros da tradição religiosa de Israel, tornou-se uma oposição entre duas comunidades, cada uma pretendendo ser a autêntica continuadora da tradição religiosa do povo de Israel.

Desencadeou-se, então, um processo de hostilidade contra os cristãos, para forçá-los a abandonar suas práticas reli-

giosas, rejeitar sua fé no Ressuscitado e voltar para a comunidade judaica articulada em torno das sinagogas. Na Palestina e naqueles lugares onde o controle da sinagoga era mais rigoroso, a vida dos cristãos foi dificultada ao máximo, com ódios e perseguições. Os sinais de conflito são evidentes no evangelho de João. O capítulo 9 — a cura do cego de nascença — está calcado neste fenômeno. A expulsão do jovem (Jo 9,34) e o temor de seus pais (Jo 9,22) retratam a experiência de exclusão da sinagoga vivida pela comunidade joanina. Muitos líderes dos judeus acreditaram em Jesus, *"no entanto, por causa dos fariseus não se manifestavam, temendo serem excluídos da sinagoga"* (Jo 12,42). O evangelista põe na boca de Jesus uma advertência aos discípulos: *"Vão expulsar-vos das sinagogas e virá a hora em que todo aquele que vos tirar a vida, julgará estar prestando um serviço a Deus"* (Jo 16,2). Nos lugares onde havia comunidades formadas apenas por cristãos provindos do paganismo, os judeu-cristãos expulsos das sinagogas eram-lhes incorporados.

O evangelho joanino expressa a preocupação catequético-pastoral de seu autor, em relação à fé da sua comunidade. Num contexto de crise de identidade, competia-lhe ajudá-la a compreender o verdadeiro significado de sua opção pelo Ressuscitado, através de uma reflexão teológica aprofundada, tendo como ponto de partida os problemas vividos pela comunidade.

O grande desafio do evangelista consistiu em sintonizar a fé cristã com a antiga tradição teológica de Israel. Por isso, ao mesmo tempo em que tinha a intenção de manter-se fiel à fé do seu povo, esforçou-se para conscientizar sua comunidade da novidade trazida por Jesus Cristo.

1. Cf. R. E. BROWN, *A comunidade do discípulo amado*. São Paulo: Paulinas, 1984, pp. 42-45.

O ponto central da discórdia entre a comunidade joanina e os seus adversários consistia numa *questão teológica*. A fé judaica caracterizava-se por um estrito monoteísmo. Nem mesmo era permitido pronunciar o nome de Deus (Ex 20,7; Dt 5,11). Este era representado por quatro consoantes *YHWH* — o tetragrama divino —, que hoje se pronuncia *Yahweh*. Entretanto, quando, ao ler o texto sagrado, os judeus se defrontavam com o tetragrama divino, liam *Adonai*, ou seja, *Meu Senhor*, por respeito ao nome divino. Este costume é mantido até hoje, daí os judeus não verem com bons olhos o uso freqüente que os cristãos fazem do tetragrama divino.²

A comunidade joanina, porém, rompeu essa postura rígida, atraindo sobre si a ira de seus antigos irmãos de fé que se tornaram inimigos. Acreditar na veracidade da afirmação de Jesus — “*Eu e o Pai somos um*” — era tido como ousadia imperdoável, a ser eliminada em defesa da pureza da fé monoteísta.

De fato, a imagem bíblica de Deus passou por um efetivo processo de evolução. O estrito monoteísmo, alcançado no contexto do profetismo clássico, de modo especial, em Is 40-55 (o Dêutero-Isaías), correspondeu ao ápice deste processo. Contudo, o evangelho de João não

estava pondo em xeque o monoteísmo próprio da fé judaica. Antes, revelava-lhe um elemento constitutivo: Deus é o Pai com quem o Filho está em plena comunhão, numa linha de unidade (Jo 10,30). “João se esforça por mostrar em que sentido a unidade de Deus é salvaguardada na confissão de fé na divindade de Jesus”.³ O evangelho de João é monoteísta e, jamais, negou este dado da fé judaica. Jesus não é uma espécie de segundo Deus, em concorrência com o Pai. Mas, para ele, Jesus só pode ser convenientemente entendido se considerado na sua estreita união com o Pai.

Para entender o sentido da expressão “*Eu e o Pai somos um*”, é necessário referir-se a uma sutileza da língua grega usada pelo evangelista. O vocábulo grego “um” ocorre no gênero neutro (*en*) e não no gênero masculino (*eis*). O texto poderia ser traduzido assim: “Eu e o Pai formamos uma unidade” ou “Existe plena unidade entre eu e o Pai”. O ponto visado é a comunhão entre Jesus e o Pai. A afirmação deixa patente sua situação de Filho, ao se referir a Deus como Pai. Longe dele a intenção de usurpar o lugar de Deus, pois tem consciência de sua identidade de Filho. Ele jamais afirmou ser igual ao Pai ou, menos ainda, ser o Pai.

2. SINAIS DE CONFLITO EM JO 10,22-39

Jo 10,30 está inserido num contexto literário mais amplo, abrangendo os versículos 22-39. Este conjunto de versículos reflete a existência conflitiva da comunidade joanina. As controvérsias referidas a Jesus são uma chave para compreender a comunidade joanina e não

simples recordação saudosista do Mestre de outrora. Importava iluminar a vida atual da comunidade com a luz provinda da experiência passada de Jesus.

É fácil de detectar evidências de conflito em Jo 10,22-39:

2. W. GRUEN, “O Judaísmo do tempo de Jesus — Critérios para sua avaliação fraterna”, *Convergência* 34 (1999) 87-98.
3. F. MANN, *L'évangile de Jean à la lumière du judaïsme*. Jerusalem: Franciscan Printing Press, 1991, p. 10.

(a) Sinais de conflito em torno da pessoa de Jesus já aparecem nos versículos anteriores a Jo 10,22-39. Jesus desencadeou uma terrível polêmica ao falar do mútuo conhecimento entre ele e o Pai — “*Como o Pai me conhece e eu conheço o Pai*” (Jo 10,15) —, do amor recebido do Pai — “*O Pai me ama*” (Jo 10,17) —, do poder recebido do Pai de dar a própria vida e retomá-la (Jo 10,18a) e de sua submissão ao Pai (Jo 10,18b). Alguns judeus consideraram insensatas estas afirmações e as atribuíam a uma provável possessão demoníaca ou demência, julgando ser melhor não dar-lhe ouvidos (Jo 10,20). Outros, porém, consideravam as palavras de Jesus tão extraordinárias a ponto de se recusarem a aceitar que tivessem sido ditas por influência do demônio (Jo 10,21).

(b) A cena evangélica acontece por ocasião da festa da Dedicção do Templo de Jerusalém (Jo 10,22a). Este contexto histórico tornava as palavras de Jesus ainda mais provocadoras. A tradição religiosa judaica considerava o Templo como lugar da habitação de Yahweh no meio do seu povo, lugar escolhido pelo próprio Deus. As afirmações teológicas de Jesus chocam-se com as celebrações do momento, como se estivesse anunciando um novo deus ou, pior ainda, como se estivesse querendo ocupar o lugar de Deus. Caso estivesse falando do Deus de Israel, Jesus podia dar margem para pensarem que ele também pretendia ser colocado no centro das festividades, pois se considerava um com o Pai. Os judeus, por conseguinte, tinham muitos motivos para considerar as palavras de Jesus como zombaria das festividades em louvor do Templo, e entendê-las como provocação.

(c) Duas notas marginais e aparentemente desprezíveis podem ser interpretadas como indicação de ambiente

conflitivo. 1^a — O evangelista observa que “era inverno” quando, em Jerusalém, se faziam festas em honra do templo (Jo 10,22b). As condições atmosféricas da Cidade Santa tinham pouca importância para o evangelista diante do clima pesado de rejeição que pairava sobre Jesus. Esta referência climática acaba servindo para sublinhar a “frieza psicológica” do ambiente, expressa na agressividade e na dureza de coração dos inimigos de Jesus. Ao chegar a Jerusalém, o Mestre não recebeu o “calor” da acolhida, e sim, a “frieza” da rejeição. 2^a — Outra observação refere-se a Jesus “passeando no Templo, no pórtico de Salomão” (Jo 10,23). Salomão simbolizava a sabedoria (1Rs 5,9,14; Sb 7,17-21) a ponto de ser-lhe atribuída quase toda a literatura sapiencial bíblica, alguns salmos, bem como, muitos textos extrabíblicos. Evocar Salomão num contexto de conflito, relacionando-o com Jesus, servia para realçar outro foco de tensão nas relações de Jesus com seus adversários. Estes eram incapazes de compreender a condição messiânica de Jesus e sua unidade com o Pai por lhes faltar sabedoria. Embora estando diante do verdadeiro Salomão, recusavam a se deixar instruir, como se optassem pela ignorância e fechassem o coração para os apelos de Deus.

(d) A pergunta dos judeus rodeando Jesus, enquanto este passeava pelo Templo, ia além de uma simples curiosidade (Jo 10,24). Eles exigiam a afirmação, sem subterfúgios, de sua condição de Messias — *Cristo* —, não para acreditarem nele, mas para terem argumentos para acusá-lo. Embora não fosse pecado autoproclamar-se Messias, os judeus tinham a intenção de imputar a Jesus o pecado de blasfêmia, caso respondesse afirmativamente. Eles bem sabiam que Jesus não pretendia ser como tantos outros candidatos a Messias (cf. At 5,36-

o
o
n
v
e
r
b
o
c
i
a

37), pois postulava uma intimidade inaudita e inaceitável com Deus.

(e) Jesus não tinha a menor dúvida quanto à má vontade de seus interlocutores. Eles queriam que repetisse algo já dito, mesmo sem estarem minimamente dispostos a dar crédito às palavras de Jesus e chegarem à adesão da fé (Jo 10,25). Jesus sabe onde está a raiz da má-vontade de seus inquisidores e os desmascara sem hesitar — “*Vocês não crêem porque não são minhas ovelhas*” (Jo 10,26) — pondo às claras a malícia de seus corações. Caso estivessem dispostos a ouvir Jesus com benevolência, ou seja, se fossem suas ovelhas e abrissem mão de seus preconceitos, sem dúvida, haveriam de interpretar as palavras dele de maneira bem diferente.

(f) Jesus não se deixa intimidar pela agressividade de seus inimigos. De forma inequívoca, fala de sua intimidade com o Pai e do desvelo para com as “suas ovelhas”. Por ser “um com o Pai”, dá vida eterna a quem se torna discípulo, e ninguém é bastante forte para tirar de suas mãos quem lhe pertence (Jo 10,29-30). A veracidade das palavras de Jesus depende da sua comunhão com o Pai. Se, de veras, ele não é “um com o Pai”, suas palavras reduzem-se a pura alucinação.

(g) Enquanto Jesus está absolutamente convencido da verdade de sua revelação, seus adversários permanecem irreduzíveis. Estes, escandalizados com aquelas declarações, decidem apedrejá-lo. No Antigo Testamento, o apedrejamento era reservado para pecados de extrema gravidade (Lv 20,27; 24,16; Dt 17,4-5; Dt 21,18-21). Se os judeus se apressam a apedrejar Jesus é porque consideram desrespeitoso, num grau insuportável, seu jeito de referir-se a Deus.⁴

Na interpretação deles, Jesus blasfemara: sendo um simples mortal, tinha a ousadia de fazer-se igual a Deus (Jo 10,33). De fato, afirmara: “*Eu e o Pai somos um*” (Jo 10,30), dando margem para se deduzir estar usurpando o lugar de Deus.

As controvérsias com os adversários originaram-se, exatamente, das afirmações de Jesus a respeito de sua íntima comunhão com o Pai. Os adversários concluíram, não sem motivo, haver uma clara pretensão embutida nas palavras de Jesus: “Fazer-se igual a Deus” (Jo 5,18). A mentalidade teológica deles não podia suportar esta ousadia. Por isso, quando se tratou de encontrar motivos para condená-lo à morte, os judeus acusaram-no de ter chamado Deus de Pai, ao se fazer Filho de Deus (Jo 19,7).

(h) Jesus contra-argumentou em dois níveis: 1^o — Apelou para as *Escrituras*, onde o Salmista, referindo-se aos juízes na sua função de julgar, afirma: “*Todos vós sois deuses e filhos do Altíssimo*” (Sl 82,6; cf. Jo 10,34-35). Se a Escritura fala isto de pessoas passíveis de corrupção e de fazerem julgamentos iníquos, com muito mais direito “*quem o Pai santificou e enviou ao mundo*” (Jo 10,36) pode falar de si mesmo. 2^o — Jesus ofereceu o testemunho de suas *obras* (Jo 10,37-38). Consideradas com isenção de ânimo, poderiam revelar a verdadeira identidade de Jesus na sua relação com o Pai. Elas resultavam de um poder que lhe fora concedido, possibilitando-o realizar obras tão grandiosas como as realizadas pelo Criador. Se suas obras são tão maravilhosas como as do Pai, é porque existe algo de comum entre ambos.

Os judeus, entretanto, recusavam-se a aceitar a argumentação de Jesus. Eles insistiam em atribuir as obras dele a um

4. Uma primeira tentativa de apedrejar Jesus ocorre em Jo 8,59.

poder contrário a Deus. Por consequente, quem aderisse a Jesus, correria o risco de ser desviado da verdadeira fé e de se entregar nas mãos do inimigo de Deus.

(i) Jesus foi obrigado a se esquivar das mãos dos judeus para evitar a prisão (Jo 10,39).⁵ Seus inimigos queriam impedi-lo de levar adiante sua prática, tida na conta de perniciosa, por julgarem que desviava os incautos da verdadeira

religião. A prisão seria uma forma de tirá-lo de circulação.

Como não podia deixar de ser, Jesus recusou a se submeter à pressão dos judeus. Assim como não conseguiram levar a cabo o intento de apedrejá-lo (Jo 10,31), da mesma forma não conseguirão aprisioná-lo. Os adversários não têm nenhum poder sobre ele, pois sua vida está nas mãos do Pai.

3. A UNIDADE ENTRE JESUS E O PAI: ENVIO E MISSÃO

A comunhão com o Pai é um dado essencial da identidade de Jesus no evangelho joanino, constituindo o fundamento de sua ação. Para R. A. CULPEPPER, “a unidade com o Pai dá o tom da caracterização de Jesus ao longo do evangelho.”⁶ Esta comunhão, revelada nas suas palavras e ações, torna relevante a sua existência como jamais acontecera com nenhum outro ser humano.

O Pai, no evangelho joanino, é caracterizado como *O que envia*, e Jesus, por consequência, auto-identifica-se como o enviado do Pai. “Enviar” é um agir característico do Pai. Muitas vezes, Jesus diz apenas “*Aquele que me enviou*” (Jo 5,37; 6,38.39.44; 7,16; 8,16 etc.) para se referir ao Pai. Esta é uma espécie de fórmula padronizada de alusão ao Pai. Só Jesus serviu-se dela para falar de sua condição de enviado de Deus.

João, mais que qualquer outro evangelista, utiliza o verbo *enviar*, referindo-o a Jesus na condição de enviado do Pai. Mas o envio de Jesus não é um simples fato do passado. O Pai enviou e continua enviando o Filho Jesus. O Pai é, continuamente, *enviante* e o Filho, continuamente, *enviado*. O Pai tem um projeto em relação à salvação da humanidade e o Filho

coloca-se sempre em total disponibilidade para a missão confiada pelo Pai.

A dinâmica da missão-envio, alicerçada na comunhão entre Jesus e o Pai, perpassa todo o evangelho, concentrando-se em três circunstâncias especiais:

(a) Nos *diálogos com os discípulos*, em duas ocasiões, Jesus refere-se, ao Pai como “O que envia”: “*Meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou*” (Jo 4,34) e “*É preciso que façamos as obras daquele que me enviou*” (Jo 9,4). No primeiro caso, Jesus sublinha a total convergência entre o seu querer e o do Pai. Sua adesão à vontade divina fica patente no exercício da missão. Por isso, no diálogo com Filipe, pode afirmar: “*Quem me vê, vê o Pai*” (Jo 14,9). Em outras palavras: “Na minha ação, pode-se contemplar a ação do Pai”. Ou: “*Se alguém deseja contemplar a ação de Deus, deve olhar para mim*”. Isto porque a pauta da ação de Jesus é toda determinada pelo Pai. No segundo caso, Jesus alerta os discípulos quanto à necessidade de realizarem as obras queridas pelo Pai. A expressão “é preciso” não pode ser interpretada no sentido de fatalidade e determinismo, prescindindo da liberdade. Da parte de Jesus, uma vez consumada sua adesão ao

5. Uma primeira tentativa de prender Jesus ocorre em Jo 7,44.

6. R. A. CULPEPPER, *Anatomy of the Fourth Gospel*. Philadelphia: Fortress Press, 1988, p. 108.

Pai, urgia realizar as obras correspondentes ao querer do Pai. Os discípulos, por sua vez, deveriam aderir ao projeto do Pai por terem aderido a Jesus. Por conseguinte, como pano de fundo da expressão “é preciso”, está tanto a liberdade de Jesus quanto a dos discípulos.

(b) O Pai, como “O que envia”, será mormente evocado no âmbito das *controvérsias de Jesus com os seus adversários*. A argumentação de Jesus, na polémica em torno da cura do paralítico, funda-se na sua condição de enviado pelo Pai (Jo 5,23.24.30.37). A afirmação de Jo 5,37 — “O Pai que me enviou dá testemunho a meu respeito” — é sobremaneira forte. O Pai é, de novo, evocado como “O que envia” no discurso que segue a multiplicação dos pães (Jo 6,38.39.44). Em Jo 7,16-18, Jesus declara que sua doutrina pertence “àquele que o enviou”. Aos gritos, no Templo de Jerusalém, proclama não ter vindo pela própria iniciativa, “mas Aquele que me enviou é verdadeiro, embora não o conheçais” (Jo 7,28). A mesma expressão será repetida diante dos policiais que foram prendê-lo: “Trei para aquele que me enviou” (Jo 7,33). Na disputa de Jo 8, reafirma, diante dos adversários, sua condição de enviado pelo Pai (vv. 16.18.26.29). A afirmação do v. 16 é taxativa: “Aquele que me enviou está comigo”. Como é possível estarem juntos enviante e enviado? A afirmação de Jesus pode parecer ilógica, pois a missão exigiria separação. Só supera a aparente ilogicidade das palavras de Jesus quem entrar na dinâmica própria da sua íntima relação com o Pai e compreender a radical unidade daí resultante. Em Jo 12,44-45, Jesus proclama, outra vez, seu envio pelo Pai, relacionando a fé depositada nele com a fé naquele que o enviou. Jo 12,49 contém um detalhe interessante. Aí estão correlacionados o envio por parte do Pai e o *mandamento* dado a Jesus por oca-

sião do envio: “O próprio Pai que me enviou deu-me um mandamento pelo qual digo e falo”.

Por que, na controvérsia com os adversários, Jesus viu-se compelido a apelar para o Pai na qualidade de enviante? Por que se tornou necessário frisar esta faceta do Pai? O tema do envio, por parte de Yahweh, freqüente na teologia do Antigo Testamento, serve de pano de fundo da cristologia joanina. As experiências de envio, tanto de Moisés quanto dos profetas, podem ser tomadas como experiências paradigmáticas. Assim, a resposta comporta dois aspectos: (1^o) *Deus age na História servindo-se sempre de mediações humanas*. A questão complica-se, no caso de Jesus, devido ao tipo de relação estabelecida com o Pai que o enviou. Seus adversários questionam a possibilidade de uma relação tão estreita, segundo o modelo pai-filho. Os profetas jamais haviam pretendido relacionar-se com Deus na condição de filhos, muito menos Moisés. Todos eles eram conscientes da distância que os separava de quem os enviou. A insistência de Jesus visava, pois, reverter o esquema teológico de seus adversários. Sem isto, não poderiam compreender quem ele era, mas também jamais compreenderiam quem era Deus. (2^o) O outro elemento liga-se à *questão da justificação do agir de Jesus*. Este, como Moisés e os profetas, não possuía atrás de si uma instituição para respaldar sua pregação-ação. Restava-lhes, somente, a consciência do envio por parte de Deus. Esta convicção interior não pode ser comprovada com uma patente de envio conferida pelo enviante, Deus. Jesus não teve outra alternativa senão continuar a insistir na sua condição de enviado do Pai, quer seus adversários aceitassem quer não.

(c) *Nos discursos de despedida*, Jesus refere-se ao Pai como “O que envia”, em

diversas circunstâncias. Jo 13,20 — *“Quem recebe aquele que eu enviar, é a mim que recebe. E quem me recebe, recebe a quem me enviou”* — expressa a comunhão entre Jesus (que envia os discípulos), quem acolhe os discípulos (os destinatários da missão) e o Pai (que envia Jesus). Jo 14,24 — *“A palavra que ouvís não é minha, mas do Pai que me enviou”* — atribui os ensinamentos de Jesus ao Pai. Ouvir, acolher e praticar a palavra de Jesus correspondem a ouvir, acolher e praticar a palavra do Pai. Existe, pois, perfeita consonância entre a palavra de Jesus e a do Pai. Jo 15,21 — *“Eles farão tudo isto contra vocês por causa de meu nome, porque não conhecem quem me enviou”* — retoma o tema da unidade entre Jesus e o Pai reconhecendo que a rejeição da pregação dos discípulos, em nome de Jesus, redundava em rejeição do Pai que enviou Jesus, em cujo nome os discípulos pregam. Jo 16,5 — *“Agora, vou para*

Aquele que me enviou” — corresponde à conclusão do ciclo terreno da missão de Jesus e sua volta para a comunhão na casa do Pai (Jo 14,2-3).

Portanto, a unidade entre Jesus e o Pai, perceptível no tema do envio, passa o conjunto do evangelho joanino. A afirmação “Eu e o Pai somos um” (Jo 10,30) deve ser entendida a partir da relação de Jesus com o Pai, no contexto da missão. O ato de enviar Jesus constituiu-se na ação mais importante do Pai no evangelho de João. Sem este envio, não é possível compreender a identidade de Jesus. Mas, também, não é possível reconhecer a identidade do Pai. Em outras palavras, a história de Jesus é o lugar onde se pode contemplar sua unidade com o Pai. Querer falar de Jesus com discursos abstratos, fundados em teorias, mesmo bem elaboradas, será sempre insuficiente se não houver o respaldo da experiência missionária de Jesus.

4. “EU E O PAI SOMOS UM”: LEITURA CRISTOLÓGICA NO CONTEXTO DO DISCURSO DO BOM PASTOR

O contexto literário (Jo 10,22-39) em que se encontra Jo 10,30 liga-se com o texto anterior (Jo 10,1-21) conhecido como discurso do Bom Pastor. De fato, nos versículos 26-29, Jesus retoma a metáfora do pastor e suas ovelhas, como se fora a segunda parte da cena anterior. No v. 26, atribui a incredulidade dos judeus ao fato de não serem suas ovelhas. O v. 27 expressa o mútuo conhecimento entre Jesus e suas ovelhas: as ovelhas ouvem a sua voz, ele as conhece, por isso o seguem. O v. 28 sublinha o zelo por suas ovelhas, manifestado na proteção que lhes oferece. Ele lhes dá a vida eterna, portanto jamais perecerão e ninguém haverá de arrebatá-las de suas mãos. O v. 30 funciona como conclusão das considerações em torno da metáfora do re-

banho e do pastor. Tudo isto acontece, porque “eu e o Pai somos um”. Portanto, o sentido da afirmação de Jesus deve ser explicitado relacionando-o com o seu contexto literário-metafórico.

Quem se torna discípulo de Jesus — o Bom Pastor — e se confia todo a ele, na verdade, faz a experiência de entregar-se inteiramente nas mãos de Deus e colocar-se a serviço de sua missão. O Pai torna efetivas as palavras do Filho, impedindo que caiam no vazio e se tornem palavras vãs. Quem podia garantir ser Jesus o “Bom Pastor”, nos termos apresentados? Qual era a “vida em abundância” prometida por ele? Onde provinha a fortaleza que o tornava capaz de enfrentar “os lobos”, embora devendo entregar a própria vida ao perceber o risco que

representavam para o rebanho? Onde a certeza de que, fora dele, todos eram “ladrões e assaltantes”? A única garantia era sua comunhão com o Pai. Por sua existência estar profundamente unida ao Pai, suas palavras tinham um caráter divino e eram verdadeiras. E mais, ele possuía vida divina para comunicar a seus discípulos. A condição de Filho fazia dele o único enviado autêntico e não um inimigo do rebanho de Deus.

Invocando a unidade com o Pai, a fidelidade de Jesus à sua missão tornava-se uma questão de honra. Se ele fosse infiel ao Pai, tudo quanto dissera haveria de se tornar um flagrante desrespeito a Deus, uma forma de blasfêmia. Se suas promessas de vida e proteção fossem falsas, ele estaria contrariando o Decálogo onde está proibido “*tomar o nome de Deus em vão*” (Ex 20,7; Dt 5,11). Ninguém, consciente da gravidade da afirmação — “Eu e o Pai somos um” —, tê-la-ia feito por leviandade. De fato, pessoa alguma, na Bíblia, antes ou depois de Jesus, teve a ousadia de fazê-la. Entende-se, assim, o choque causado nos adversários a ponto de tentarem apedrejá-lo e prendê-lo. Era difícil aceitar como verdadeira a declaração de Jesus. Se não fosse uma blasfêmia, urgia deixar de lado o preconceito contra ele e repensar a sua identidade divina.

A afirmação peremptória de Jesus sublinha que “a comunhão de Jesus com o

Pai (10,30) é o fundamento da comunhão dos discípulos com Jesus, e Jesus é o bom pastor porque dá a vida pelos seus *em conformidade com o querer do Pai* (10,17-18).⁷ O seguimento de Jesus — o discípulo cristão — só tem relevância se for efetiva a unidade entre Jesus e o Pai. Dito de outro modo, só tem sentido levar adiante a missão de Jesus se ele for a presença de Deus na nossa História e não um pobre pecador como um de nós.

Entretanto, a afirmação da unidade entre Jesus e o Pai não descaracteriza o mistério da encarnação, assim como está enunciado no prólogo do evangelho: “*A Palavra de Deus fez-se carne e armou sua tenda entre nós*” (Jo 1,14). Basta limitar-se a Jo 10, para constatar que Jesus estava longe de ter-se apresentado como um super-homem. No exercício de sua missão de bom pastor, enfrentou adversários e toda sorte de contrariedades; não teve como eliminar, de uma vez por todas, os ladrões e assaltantes que punham em perigo o seu rebanho; corria sempre o risco de ver a sua missão fracassar devido à ação dos inimigos; foi um pomo de discórdia para a religião judaica; por pouco não foi apedrejado e preso; recebeu a pecha de blasfemo; suas palavras foram desacreditadas. Por conseguinte, é na humanidade de Jesus, vivida na precariedade de toda existência humana, onde se reconhece sua comunhão com o Pai, ou seja, sua divindade.

5. CONCLUSÕES PARA UMA ESPIRITUALIDADE CRISTÃ

A contemplação da vida de Jesus, expressão de sua unidade com o Pai, incide de cheio na espiritualidade cristã, no modo como os cristãos e cristãs vivem sua adesão ao projeto de Jesus. Eles são chamados a refazer o caminho de Jesus.

Eis, pois, alguns traços de uma espiritualidade cuja referência seja Jo 10,30:

a) **A unidade de Jesus com o Pai** prefigura a união de cada cristão com Deus e dos cristãos entre si, nos moldes de Jo 17,11 — “*Que eles (os discípulos) sejam*

7. V. MANNUCCI, *Giovanni, il Vangelo Narrante*. Bologna: EDB, 1993, p. 284.

um como nós (Jesus e o Pai) somos um.”⁸ Neste sentido, a existência de Jesus é paradigmática. Só pode dizer-se cristão quem faz a experiência de comunhão com Deus — centra nele a própria vida — e alarga o círculo da comunhão para abranger também os irmãos e irmãs. O cristão deveria estar sempre em condições de declarar: “Eu sou um com o Pai e com meus irmãos e irmãs”.

Uma conseqüência prática da espiritualidade daqui resultante é a postura ecumênica que deveria caracterizar o agir cristão. A busca contínua de comunhão com os irmãos e irmãs das diversas igrejas cristãs torna-se um imperativo para quem tem sua vida centrada no Pai. Portanto, nada mais contrário à comunhão com Deus do que o fanatismo e a intolerância entre cristãos.

b) **As palavras e os gestos dos cristãos** são mediações das palavras e dos gestos do Pai em favor da humanidade, a exemplo de Jesus. Como o Pai podia ser contemplado na existência de Jesus, de igual modo, o testemunho de vida dos discípulos tende a ser mediação do encontro com o Pai. A comunhão com o Pai transforma os discípulos em transparência da misericórdia divina.

c) **A estreita relação entre divindade e humanidade em Jesus**, enquanto um com o Pai, revela-nos que a fonte do ser e do agir humanos é Deus (humanidade divinizada) e, vice-versa, que Deus é conhecido a partir da realidade humana (divindade humanizada). Quanto mais o ser humano se ancora no Pai e o reconhece como origem de sua existência, tanto mais se humaniza. Quanto mais se humaniza, tanto mais o ser humano revela o divino que traz dentro de si. Tudo isto fez parte da existên-

cia de Jesus. A divinização da humanidade e a humanização da divindade atingiram sua máxima expressão na existência de Jesus, por causa de sua comunhão com o Pai. Este é o ideal apresentado a cada cristão e cristã os quais, em meio a quedas e soerguimentos, assumem-no como meta a ser persistentemente alcançada.

d) **Os princípios da conduta cristã** são ensinados pelo Pai. A cultura moderna tem obscurecido esta dimensão da vida cristã. O ideal do homem moderno é ser autônomo, rompendo todos os vínculos que possam impedi-lo de “agir livremente”. Daí querer invalidar os princípios religiosos e os códigos de conduta social e moral. O cristão, pelo contrário, pauta seu querer e agir pela vontade do Pai. Esta submissão, longe de ser uma forma de escravidão e alienação, abre-o para o amor, capacita-o para a misericórdia e o perdão, torna-o defensor incansável do direito e da justiça, faz dele um construtor de paz e fraternidade, nos passos de Jesus.

e) **O conflito sempre fará parte da vida** de quem escolhe o caminho da comunhão com o Pai. Será impossível escamoteá-lo, pois a conduta do cristão, como a de Jesus, constituir-se-á sempre numa denúncia contínua dos esquemas perversos introduzidos pelo pecado na história humana. A transparência do amor e da misericórdia divinos dar-se-á numa sociedade violenta e egoísta, pouco disposta ao perdão e à reconciliação. A luta pelo direito e pela justiça será necessária devido à corrupção do tecido social onde imperam a exploração e a ilegalidade. A paz e a fraternidade serão um imperativo para o cristão consciente da inadequação entre o projeto do Pai

8. Cf. R. E. BROWN, *The Gospel According to John* (vol. 1). Garden City (NY): Doubleday & Co., 1966, pp. 407-408.

e a realidade social onde vive. Esta vertente profética da espiritualidade cristã, a cada passo, confronta o cristão com as forças do anti-Reino. Entretanto, como Jesus, o cristão não tem medo de enfrentá-las.

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. Qual é o sentido mais profundo da expressão "Eu e o Pai somos um" no Evangelho de João?
 2. Que significa ler essa afirmação de Jesus no contexto do discurso do Bom Pastor?
 3. Reflita sobre os traços de uma espiritualidade cuja referência seja João 10,30 e partilhe essa reflexão com sua comunidade.
-

◆

Portanto, a unidade entre Jesus e o Pai, perceptível no tema do envio, perpassa o conjunto do evangelho joanino. A afirmação "Eu e o Pai somos um" (Jo 10,30) deve ser entendida a partir da relação de Jesus com o Pai, no contexto da missão.

O ato de enviar Jesus constituiu-se na ação mais importante do Pai no evangelho de João.

Sem este envio, não é possível compreender a identidade de Jesus. Mas, também, não é possível reconhecer a identidade do Pai. Em outras palavras, a história de Jesus é o lugar onde se pode contemplar sua unidade com o Pai. Querer falar de Jesus com discursos abstratos, fundados em teorias, mesmo bem elaboradas, será sempre insuficiente se não houver o respaldo da experiência missionária de Jesus.

◆

Jovens Religiosos, às Vesperas do III Milênio

Aspectos Formativos de uma Tipologia

PE. PAULO LISBOA, SJ

INTRODUÇÃO

A Vida Religiosa (VR), de uma forma ou de outra, tem se manifestado e se posicionado na preparação para a entrada do Novo Milênio. Os Institutos de VR, hoje mais articulados entre si e com as Igrejas Particulares, vivem as opções da Igreja Universal com mais intensidade. Por isso, creio que posso afirmar: às vésperas do III Milênio há uma busca de resposta generosa á proposta feita pela Igreja Universal e, no caso do Brasil, á sua concretização no Projeto "Rumo ao Novo Milênio" da CNBB.¹

Esta VR aqui no Brasil, motivada para entrar no ano 2.000 com um rosto renovado,² será que está atenta ao novo que se apresenta nas diversas manifestações da nossa juventude? Elas se apresentam no ser e no agir dos(as) candidatos(as) à VR

de hoje. Também eles e elas caminham na direção do futuro, carregando as esperanças e desesperanças socioculturais de fim de século e, na certa, deixarão transparecer na sua busca vocacional, os aspectos positivos e negativos desta época. Não sei se todos nós religiosos, especialmente nós, Formadores e Formadoras, temos presente o novo fenômeno de demanda vocacional às nossas Congregações.

O que nos aparece bem comum no trabalho da Formação é a distância que sentimos entre a maneira como fomos introduzidos e conduzidos nos anos de Formação inicial e a maneira como hoje devemos trabalhar nela com os(as) jovens religiosos(as).³ A metodologia era muito diferente. Hoje fala-se até em "formação personalizada".

1. Carta Apostólica de João Paulo II, *Tertio Millennio Adveniente*, Paulinas (1994) e o Projeto aprovado pela 34ª Assembléia Geral da CNBB, *Rumo ao Novo Milênio*, Paulinas (1996).
2. Ultimamente, na XVIII Assembléia Ordinária da Conferência dos Religiosos da Brasil (CRB), a reflexão ficou em torno do Tema: "Refundação da Vida Religiosa".
3. De 1971 a 1975, ainda como padre novo, ajudei o Mestre de Noviços. Eram outros tempos, mais conturbados até por causa do imediato pós Concílio Vaticano II. Então, eu já sentia essa distância. Vinte anos depois, ao retomar o serviço da Formação, agora no Juniorado que congrega jovens das 4 províncias jesuíticas do Brasil, posso dizer experimentalmente que a distância tornou-se um abismo. Não é só questão de idade, mas de inteligência e compreensão da nova mentalidade, hoje em mutação muito mais rápida.

As linhas que seguem são conclusões de percepções muito pessoais, que fui tendo no serviço à Formação inicial. Como Diretor espiritual no Juniorado Interprovincial dos Jesuítas nos últimos 5 anos e no atendimento espiritual a várias religiosas antes de seus votos perpétuos, vou adquirindo convicções a respeito da qualidade das vocações à VR nos últimos tempos. Assim, apresento a tipologia de jovens que nos procuram em quatro aspectos de uma análise mais fenomenológica do que científica.

Os quatro aspectos correspondem ao que convencionamos chamar de “quatro

dimensões” da vida de um(a) formando(a)⁴ e caracterizam os jovens que atualmente nos procuram. Com poucos traços tentarei descrever cada um deles e ao mesmo tempo, apresentar alguns cuidados e atenções que o(a) Formador(a) deve ter presente, para responder às suas necessidades. Estas serão respondidas não só por um Plano teórico de Formação bem elaborado, mas pelo acompanhamento personalizado do(a) jovem em cada uma das dimensões de sua vida. Aí está a nossa função e desafio, como acompanhantes de um processo, nas diversas etapas da Formação à VR.

ASPECTOS FORMATIVOS DE UMA TIPOLOGIA

1. JOVENS COM EXPERIÊNCIAS RELIGIOSAS FRÁGEIS

1.1. *Traços descritivos*

Descrevendo esse fenômeno religioso, apresento apenas alguns traços que chamam mais atenção.

Os(as) jovens que buscam a VR e que estão conosco há pouco tempo, por exemplo, nos Juniorados, em geral se apresentam muito fragilizados religiosamente. A vivência e conseqüente experiência de fé não foi muito profunda ou, em alguns casos, foi quase nula. Aqueles e aquelas que chegaram às comunidades Vocacionais um pouco mais familiarizados com a oração ou com alguma espiritualidade⁵, não “*beberam água no próprio poço*”⁶. Em geral não foi na família,

hoje tão desestruturada religiosamente, ou numa Catequese acompanhada pessoalmente até o Sacramento da Confirmação, que eles sedimentaram Fé e Espiritualidade. Boa parte tiveram um primeiro contato pessoal com o Deus vivo e a sua Palavra em algum encontro de fim de semana para Jovens, num Retiro para Catequistas ou para Vocacionados (as). Alguns e algumas são até “convertidos” por algum tipo de Retiro, tendo saído não faz muito tempo de experiências muito pesadas de dependências à droga, ao sexo e outras...

O que se percebe é que estes(as) jovens não tiveram ou não deram o tempo necessário, para uma vivência teológica mais amadurecida, no seio da família, na comunidade paroquial, na escola e na

4. Em geral, as 4 dimensões se referem a 4 áreas da personalidade humana do(a) candidato(a), em processo de formação: espiritual (1), comunitária (2), apostólica (3) e a intelectual(4).

5. Nós, Jesuítas, chamamos a 1ª experiência de vivência vocacional conosco de “Comunidade Vocacional”, onde os jovens enviados pelos recrutadores terão o primeiro desafio de viver em grupo, com colegas que também pensam em ser jesuítas, vindos de localidades e culturas bem diferentes. Seria o correspondente aos Prés-Postulados e Postulados das outras Congregações em especial as femininas.

6. G. Gutiérrez, *Beber no próprio poço*, Petrópolis, Vozes, 1984.

Embora escrito em época diferente da nossa hoje, em que o autor buscava sugerir a partir de sua própria experiência, uma espiritualidade libertadora para os que viviam mais imersos na pastoral com os mais pobres, creio que a situação do tirar de si a água do Espírito, é ainda muito válida e atual.

profissão, caso já estivessem trabalhando. Já se pode perceber que o nível de espiritualidade nestes(as) candidatos (as) é bem diversificado e nada homogêneo, exigindo cuidados especiais, como veremos adiante.

1.2. Alguns cuidados — indicações para a Formação

Parece-me que nos casos limites apontados acima, os “convertidos” precisam de uma atenção especial, com muito discernimento. Não deveriam ser admitidos à experiência da Comunidade Vocacional, enquanto não tivessem dado provas evidentes de uma grande libertação pessoal das dependências anteriores. Num acompanhamento mais psicológico e muito ligado á estrutura humana, não deveria faltar o momento da oração pessoal, que irá integrando os aspectos da vida pessoal. Esta seria acompanhada muito de perto pelo(a) recrutador (a) ou aquele(a) que se encarrega dos(as) candidatos(as).

Desde a Comunidade Vocacional e muito mais ainda durante o Noviciado, é necessário favorecer para todos, mas diferenciadamente, conforme o caso pessoal, um acompanhamento catequético-teológico. Este ajudaria os(as) jovens a assimilarem e internalizarem a imagem real da Deus, revelado por Jesus Cristo. Seria o momento de ajudá-los a limparem imagens errôneas e inexatas sobre Deus, hoje tão comuns no meio do povo cristão.

No Noviciado, especialmente, é importante que haja uma experiência forte e marcante, relacionada com o Espírito Santo, revelante do mistério de Deus. Se

a Congregação Religiosa tem a sua espiritualidade própria, será através dela que se faz essa experiência, extensa quanto ao tempo (10, 15 ou 30 dias?) e intensa quanto aos meios empregados (lugar e ambiente apropriados e os mais favoráveis para a oração bem pessoal). É neste momento que se sedimentará a base fundamental de toda construção espiritual de futuros(as) religiosos(as) consagrados (as) inteiramente ao Reino de Deus. Contudo, não se pode negligenciar esse acompanhamento personalizado nos primeiros anos após a profissão dos primeiros votos simples.

Nos Institutos masculinos, como no meu, isso é mais fácil de ser garantido, porque os jovens permanecem mais tempo nas Casas de Formação e, apesar dos estudos que podem se tornar uma distração e até mesmo um derivativo, há uma estrutura montada, garantindo a continuidade de um processo.⁷ Percebo que os Institutos femininos têm mais dificuldades quanto a este particular. Alguns que conheço, tentam superá-las motivando e oferecendo alternativas para esse acompanhamento espiritual. As jovens podem, então, escolher livremente religiosos sacerdotes ou mesmo religiosas, todos com experiência no campo do acompanhamento espiritual, mesmo não sendo de suas Congregações. É bem melhor que essa pessoa tenha uma espiritualidade muito próxima à da jovem que a procura. Por exemplo, eu tenho atendido muitas que têm sua espiritualidade fundada nos Exercícios Espirituais de Santo Inácio, algumas até para fazer os Exercícios na vida corrente.

Outros, sem uma identificação espiritual bem precisa e mais forte, têm op-

7. Durante os estudos no Juniorado, Filosofia e Teologia, nós Jesuítas nos preocupamos de dar uma continuidade ao processo formativo, especialmente nesta dimensão espiritual, que se supõe, foi assimilada e assumida como algo importante, no Noviciado. Em cada uma das etapas formativas, cada jovem jesuíta escolhe o sacerdote que o acompanha.

tado por enviar suas jovens que estão no período de preparação para os votos perpétuos, aos Exercícios Espirituais inicianos de mês. Aquelas que eu tive oportunidade de acompanhar nesses meses inicianos, apesar das exigências colocadas, nem sempre estavam bem

preparadas para experiência igual. Contudo, mesmo nesses casos o resultado para o momento da jovem, foi mais positivo do que negativo. O desafio que se levanta nesses casos é a questão da possibilidade real de uma continuidade na oração e no acompanhamento.

2. JOVENS COM MAIORES MEIOS DE AUTOCONHECIMENTO

2.1. *Traços descritivos*

Especialmente a partir da experiência nos Noviciados, estamos diante de jovens que puderam ter mais oportunidades e meios do que antigamente, de se conhecerem e as suas motivações vocacionais. Estas últimas, hoje são em geral mais testadas. Justamente por causa dos múltiplos problemas familiares que os(as) jovens hoje carregam, há exigências de que passem por baterias de testes ou por psicodiagnósticos antes ou ao entrarem para as Comunidades Vocacionais e Pré-Postulados.

Alguns(as), conforme a problemática que veio à tona, foram até convidados(as) a passar por um processo de ajuda terapêutica. Destes(as), há os(as) que se integram mais rapidamente do que outros(as). O ideal seria que só fossem admitidos(as) ao Noviciado aqueles(as) que nós sentíssemos mais libertos. Nem sempre isso aconteceu, impedindo o melhor aproveitamento de muitos(as), na época importante do Noviciado.

A identificação vocacional à VR na nossa família vai sendo testada praticamente, no convívio das Comunidades Vocacionais, Pré-Postulados e Postulados. Nestas estruturas os (as) jovens são desafiados (as) pelas relações humanas,

na vivência grupal. Os conflitos relacionais, ocasionados muitas vezes por histórias pessoais mal integradas, são aqui passados pelo crivo exigente dos questionamentos dos colegas. Eles próprios são ajudas nessa primeira seleção daqueles (as) que estão se preparando para o Noviciado.

A constatação acima revela outro aspecto muito comum hoje entre a juventude que nos procura: o da **fragilidade emocional**. As famílias de onde procedem são bem menos ajustadas sob o ponto de vista emocional, do que anos atrás. Isso tudo, leva a que demos uma atenção maior aos aspectos da integração afetiva. É o que veremos adiante.

2.2. *Alguns cuidados —*

Indicações para a Formação

Apesar das providências que já têm sido tomadas a nível de preparação humana e espiritual dos(as) candidatos(as) à VR, creio que devemos continuar nos empenhando em melhorar os meios apontados acima, para o autoconhecimento dos(as) nossos(as) jovens.³⁵

Em especial, na etapa anterior ao Noviciado, os meios de ordem psicológica em vista da aquisição de um grau razoável de maturidade espiritual, hoje po-

8. A minha afirmação está no plural, porque hoje procuramos trabalhar em Equipes de Formação (ao menos na maioria de Congregações masculinas e femininas que eu conheço), constituídas por religiosos e religiosas devidamente preparados(as) para o trabalho.

dem e devem ser checados e acompanhados pelos responsáveis. Ao final desta etapa, consensualmente ou de comum acordo, avaliariam as aptidões de cada um(a), para iniciarem ou não o Noviciado e deixariam a decisão final para o(a) Provincial. Cuidadosamente, com muita caridade, mas corajosamente, estudariam e resolveriam os casos mais complicados, como os indícios claros de desajuste afetivo-sexual e outros do gênero e que nem precisariam chegar até o(a) Provincial.

Não se deveria liberar a entrada aos Noviciados a pessoas que ainda não resolveram problemas sérios de personalidade. Estas, se aceitas, com toda a certeza aproveitarão muito pouco ou nada da rica experiência do Noviciado. Por outro lado, não se pode e nem se deve querer aproveitar desse período, próprio para aprofundar o carisma, a espirituali-

dade e a história do Instituto, para qualquer tipo de terapia psicológica.

Pode ser que na etapa do Juniorado reapareçam para um(a) ou outro(a), alguns problemas de personalidade que não ficaram bem resolvidos antes do Noviciado. Então, a critério dos Formadores e em conformidade com os(as) Superiores(as), é bom buscar alguma terapia de reforço. A atenção tranqüila, não obsessiva para o processo pessoal de integração afetiva após o Noviciado, faz parte da nossa responsabilidade como Formadores.⁹ Os Acompanhantes espirituais, de modo especial, tratarão explicitamente do assunto com os(as) seus(suas) acompanhados(as). Contudo, de tal modo o farão, que os(as) deixarão bem á vontade para tratar do assunto, em vista de encontrarem juntos, pistas para resolverem os pequenos problemas e crises afetivas que porventura ocorrerem.¹⁰

3. JOVENS COM MAIORES OPORTUNIDADES APOSTÓLICAS

3. 1. *Traços descritivos*

Mesmo com todas as fragilidades apontadas antes, um aspecto positivo salta á vista hoje, no contato com nossos (as) jovens religiosos(as). Porcentagem grande daqueles(as) que nos procuram eram Agentes de Pastoral em suas paróquias e comunidades de origem. Mais ou menos bem, com ou sem preparação para os serviços que prestavam, já se sentiam muito dentro da Igreja evangelizadora. Aliás, pode-se afirmar que as nossas

melhores vocações, que apresentam maior consistência nas motivações, são estas que se sentiram impelidas a continuar na VR, com maior dedicação e entrega total, os serviços que começaram a realizar em favor dos outros.

Nestes "outros", ainda aparece, mas com menos freqüência, a opção pelos mais empobrecidos. Embora não seja o público de maior assistência, como nos anos dourados da década de 70 a 90, após Medellin e Puebla, alguns(as) se

9. É preciso que a preparação esmerada dos que vão trabalhar na Formação, também nesta área da Psicologia é imprescindível. As Escolas de Formadores distribuídas em diversas regiões do Brasil, estão atentas a esse particular.

10. Sobre essa questão da afetividade na VR, muito se tem escrito ultimamente. A CRB Nacional mantém em sua sede central, entre os variados grupos de reflexão, um que é composto de religiosos e religiosas psicólogos. O grupo de 1989, brindou-nos o excelente texto: "Afetividade Religiosa", contendo 3 reflexões sobre o assunto: "Afetividade e consagração", "Vida Comunitária: desafio á experiência afetiva" e a que mais nos interessa: "Afetividade e processo inicial de Formação". Esta última de responsabilidade de Pe. Dalton de Barros de Almeida, CSSR, responde a outras interrogações sobre o item tratado acima — Cfr. Vários autores: *Afetividade e VR*, CRB/Vozes, Petrópolis(1989).

C O N T E Ú D O

sentem atraídos(as) para ele.¹¹ A presença mais forte de um carisma católico espiritualista em muitas paróquias e comunidades, atenuou bastante o entusiasmo missionário às periferias e bairros pobres de nossas grandes cidades. Isso tem suas repercussões no modo de atuar pastoralmente dos(as) candidatos (as), dos(as) noviços(as) e juniores (junioristas). Muitas vezes vivendo e atuando em bairros de periferia, a prioridade que é dada agora é muito mais aos grupos de jovens e de adultos que se encontram para rezar e preparar Encontros e às Pastorais específicas. Não há tanto entusiasmo, como antes, em ir e levar ajuda material e espiritual à gente excluída, mesmo que distante de nossas igrejas e sacramentos. Já se foi o tempo em que jovens religiosos(as) saíam com o povo da sua periferia em reivindicações pelas necessidades mais urgentes de sua vida.¹²

Também como eu dei a entender acima, essa experiência apostólica nem sempre foi bem preparada e acompanhada. Por isso a motivação para a pastoral de fim de semana muitas vezes deixa de ter um impulso vital. Não parte do coração e da oração, encontro com a Palavra do Reino, que dispõe para o anúncio do mesmo, lá onde se é enviado. Com muita facilidade se ausentam da Pastoral que lhes foi confiada, especialmente se mais dificultosa e sem resultados, por um dia de lazer com um grupo de Crisma, ou até

mesmo pelo estudo, preparando uma prova da segunda-feira, por exemplo.

Volto à questão da preparação, nem sempre adequada ou mal dada e recebida nas comunidades de origem. Muitos (as) de nossos(as) jovens que dizem terem tido oportunidades pastorais, trazem maus hábitos adquiridos e que precisam muitas vezes ser corrigidos ao longo da Formação inicial.

3.2. *Alguns cuidados — Indicações para a Formação*

Já desde as Comunidades Vocacionais ou Pré-Postulados, mas especialmente nos Noviciados, é indispensável que haja uma reflexão teórica sobre o sentido do trabalho pastoral na Igreja e no respectivo Instituto religioso. Esta seria a referência para as retomadas e avaliações dos trabalhos apostólicos, que deveriam ser realizadas com certa freqüência.

Em todas as etapas da Formação inicial, quanto possível, se voltaria a essa reflexão fundamental, mas trazendo sempre elementos novos do Carisma missionário do Instituto, aproximando-o da realidade em que, naquele momento, estão inseridos.

Já que nossos(as) jovens parecem menos motivados(as) do que anos atrás, para os serviços com os marginalizados, é preciso questioná-los e situá-los na caminhada histórica da evangelização da Igreja. Por exemplo, fazer uma releitura e análise crítica da atuação evangeliza-

11. Neste ano de 1998, celebra-se o 30º aniversário da Conferência Episcopal de Medellín, (Colômbia), seguida onze anos mais tarde, em 1979, pela de Puebla (México). Ambas de capital importância para uma evangelização nova do Continente latino-americano. A reflexão teológico-pastoral destas duas Conferências, englobadas nos documentos finais, amplamente divulgados e estudados nas comunidades paroquiais e religiosas, fundamentaram o êxodo salutar de tantos religiosos, mais elas do que eles, para as periferias das cidades ou regiões mais carentes.

12. Pe. Libânio, em recente artigo de Convergência, conclui suas reflexões sobre "a morte do social e o império do individualismo", aplicando-o à juventude hodierna, com a seguinte afirmação: "Predomina um clima de distância do compromisso social e de preocupações narcisistas". Cfr. LIBÂNIO, J. Batista, SJ. — "Educação cristã, numa sociedade liberal", In *Convergência*, n. 316, p. 465, col. bl.

dora da Igreja, desde Medellín até hoje e como a VR foi acompanhando esse movimento.¹³ A falta dessa análise, cria a insatisfação na ação apostólica, pois os(as) jovens ficam sem saber como melhor atuar, nas situações presentes de variedades de movimentos e grupos laicais nas comunidades.

Para que tais indicações não fiquem só nas boas intenções da Equipe de Formação e num Planejamento até muitas vezes muito bem esboçado, é muito importante e até essencial que haja um(a) religioso(a) na Equipe, especializado(a) em assuntos pastorais. Este(a) quanto possível, estaria atuando na área pastoral onde os(as) jovens atuam. Será ele (a) o(a) primeiro(a) responsável no acompanhamento personalizado da atividade pastoral de cada um(a). O mesmo se diga quanto ao acompanhamento mais comum das linhas de pastoral programadas para aquela determinada etapa.

4. JOVENS COM CARÊNCIAS CULTURAIS

4.1. Traços descritivos

A palavra "cultura", neste quarto aspecto, é sinônimo de desenvolvimento intelectual. O que se constata, na maioria dos casos, é um fraco desempenho nos estudos do Juniorado masculino e suponho que o mesmo ocorra na entrada das Universidades, para as Junioristas. Não é questão de "QI", porque temos jovens com um coeficiente intelectual grande, capacitados para qualquer área científica.

A constatação se verifica mais na entrada e nos primeiros tempos das Comu-

Completando essas indicações, acrescento algo a ser mais pensado em nossas estruturas provinciais. Assim como há encontros de reflexão de Formadores nas áreas espirituais (Mestres(as) de Novícios(as) e Orientadores(as) espirituais) e dos encarregados dos estudos, é aconselhável que se pense também em encontros parecidos para os encarregados da Pastoral, nas diversas etapas da Formação. Isso facilitará uma ação pastoral mais contínua e sem tantas descontinuidades ou repetições que acabam desanimando e desmotivando o(a) jovem, na sua criatividade apostólica.

O ideal seria que houvesse um Projeto de Pastoral mais global e abrangente, onde as diversas etapas de Formação estivessem contempladas. As tarefas estariam escalonadas numa progressão ascendente, de tal forma que o(a) juniorista não repetisse simplesmente trabalhos que fez durante o Noviciado e assim por diante...

nidades Vocacionais, Pré-Postulados e Postulados. Em geral, nossos(as) jovens estudaram em Escolas públicas muito fracas ou em Cursos supletivos sem método algum. Faltou-lhes assistência de bons professores, interessados não apenas em ministrar conhecimentos científicos, mas em trabalhar com toda a pessoa dos discentes.

Como no período do Noviciado não se propõe um currículo de estudos, pois o objetivo não é escolar, há uma interrupção na aquisição de conhecimentos científicos e no aperfeiçoamento de uma

13. Nesse sentido, buscar fundamentação em livros e opúsculos publicados pela CRB Nacional, como "Formação para a Vida Religiosa Hoje", onde o autor, Pe. Carlos Palácio, S.J. desenvolvia (em 1982) pressupostos válidos ainda para os dias atuais. Mais dos nossos dias são: "Novo Milênio e Refundação da Vida Religiosa", de 1998. O mesmo se diga de artigos de autores consagrados, como: "De Medellín ao ano 2.000. Itinerário da VR na AL": Palmés, Carlos, S.J., em *Convergência* no. 315, pp. 414 a 424.

metodologia de estudos. Daí, a necessidade de se fazer no Juniorado, além da continuidade na Formação humana e religiosa, uma época de retomada dos estudos. Nesta etapa é que temos a oportunidade de verificar a grande diversidade e disparidade de conhecimentos científicos de nossos(as) jovens. Sempre há alguns que tiveram oportunidade maior de freqüentar bons Colégios e até, mais raramente, alguma Faculdade. Para estes os estudos serão um pouco mais facilitados.

Contudo, há um denominador comum: a aprendizagem adquirida foi imediatista, voltada para a profissão, hoje mais técnica e muito pouco para o que chamamos de "humanismo cristão". A preocupação da Escola hoje em dia é pouco humanista; valoriza-se muito pouco a Ética, a Cidadania, a Arte ou o Belo e as Relações sociais entre os povos.

Para muitos(as), os estudos, especialmente nos primeiros meses do Juniorado, são mais um peso a suportar, do que um trabalho assumido com alegria, como uma nova missão. A falta de um método de estudos, em vista da aprendizagem e da confecção de trabalhos de classe, penaliza os mais fracos. Nesse contexto e por necessidade até compulsiva, os estudos então perigam ganhar o maior tempo útil e as maiores energias dos(as) estudantes, com prejuízo das outras dimensões da vida religiosa, na prática, consideradas como menos importantes.

Embora os sérios problemas atuais da sociedade pós-moderna¹⁴, estejam continuamente desafiando todos os Institutos Religiosos para exigências maiores no campo dos estudos e da pesquisa de seus (as) estudantes, há alguns Institutos que,

por carisma e missão, dão mais peso a essa Formação intelectual, do que outros.

Neste particular, os recrutadores, acompanhantes e formadores já nas Comunidades Vocacionais, Pré-Postulados e Postulados, deveriam ser muito claros sobre as exigências acadêmicas que o seu Instituto contém. Não deveriam esconder nada e nem deixar dúvidas aos candidatos(as). É muito desagradável e penosa a saída após alguns anos da primeira profissão religiosa, especialmente se na decisão pesou mais o fator estudo.

4.2. Alguns cuidados — Indicações para a Formação

Seria de se esperar que as Comunidades Vocacionais e Pré-Postulados se interessassem por solucionar o problema dos desequilíbrios nos níveis estudantis entre os(as) jovens. A meu ver, deveria haver uma exigência mínima de grau estudantil para todos(as) que desejassem entrar nos Noviciados, sem exceções. Para atingir esse nível, 1º ou 2º grau, conforme os estudos posteriores ao Noviciado, as Comunidades Vocacionais e Pré-Postulados organizariam um Plano de estudos diversificados conforme as necessidades de cada um(a). Talvez, certos conhecimentos de método de estudos e uma aproximação das ciências humanas, especialmente a língua portuguesa (redação sobretudo) e a historia universal, já podiam fazer parte de um currículo interno para todos.

Para obviar em parte a dificuldade antes aludida da interrupção dos estudos durante o Noviciado, não seria possível nesse período, se encontrar espaços para leituras em alguma língua estrangeira e

14. A Sociedade atual se apresenta tremendamente individualista, hedonista, consumista e agnóstica. Há 33 anos atrás (1965) o grande documento conciliar "*Gaudium et Spes*" — A Igreja no mundo de hoje — sinalizou esse fenômeno, que já era sentido na época, oferecendo maneiras de libertação, para o que chamou de "*desequilíbrios do mundo moderno*" — G. Spes, 8.

para fazer exercícios de redação e uma leve recordação das grandes correntes históricas? Nos estudos e leituras próprias do Noviciado é bom insistir com os(as) Noviços(as) que os façam dentro do método do trabalho intelectual.

Ao iniciarem a longa etapa dos estudos eclesiásticos (para os homens) e universitários (para as mulheres), é importante que os jovens tenham bem claro, desde o início do Juniorado, o tempo e o tipo de estudos que farão. Para todos (as) os(as) estudantes, os(as) que estu-

dam nas classes internas¹⁵ e muito mais para os(as) que freqüentarem Faculdades externas, deve haver um(a) Professor(a) da Congregação, que acompanhe regularmente a todos(as). Não seria tanto para repetir as matérias como aulas de reforço, mas para tomar o pulso da caminhada escolar. Seria alguém que ajudaria aos mais fracos a não desanimarem e a encontrarem ou a voltarem à motivação inicial. Na Equipe de Formadores, seria o responsável primeiro pelo andamento geral dos estudos e currículos dos(as) jovens.

CONCLUSÃO

As considerações sobre os(as) jovens religiosos(as) deste final de Milênio, tecidas ao longo deste artigo, de maneira alguma quiseram apresentar um juízo de valor. Por exemplo: — “Os jovens de hoje não são como os de antigamente...”, ou como popularmente se afirma com certa jocosidade: — “Não se faz mais religiosos como outrora...”. Mesmo vendo a necessidade de desenhar traços de uma tipologia, não tive a intenção de carregar as tintas apenas no negativo caricatural. Nossos(as) jovens têm hoje muitas qualidades positivas, outras que em tempos passados não se viam. Certamente o leitor as percebeu também nas entrelinhas e nas sombras desse meu quadro da vida real atual.

Tenho consciência de que procurei analisar desapaixonadamente e com um objetivo bem preciso. O meu desejo, logo que me veio a inspiração de escrever estas linhas, foram tantos(as) colegas de serviço à Formação inicial para a VR e os (as) Provinciais em nossas Congregações

religiosas, nesta virada de século. Na certa, todos(as) vocês já haviam constatado em seu serviço diário, aquilo que vem descrito nas linhas deste artigo, só que aqui, apareceu mais sistematizado, como em grande síntese. Aliás, resumo muito particular, fruto de uma experiência bem pessoal de trabalho e observação. Não se trata de posição definida e radical, mas aberta para correções, emendas e acréscimos.

Aceito que, nas indicações para a Formação, nem tudo pode ser comunicado, mesmo porque o espaço para um artigo em revista é limitado. Apresentei aqueles cuidados mais salientes e imediatos para a reflexão dos membros de Equipes de Formação entre si e com seus(as) Provinciais, responsáveis últimos da formação em nossos Institutos. É nessa instância formativa que iremos complementando aquilo que foi dito nestas linhas.

Em especial, ficou para uma reflexão posterior, algo muito importante: o as-

15. Uso o termo “classe interna” para as aulas e cursos que são ministrados na própria Casa de Formação, ou Centro de estudos de uma determinada Congregação religiosa. É claro que isso vai depender do tipo de estudos que são feitos e do número de estudantes fazendo juntos um determinado período de estudos.

pecto da integração das quatro dimensões apontadas. Sabemos que ela é que dá consistência ao trabalho educativo e formativo. É fundamental do processo, unificando as partes, no todo da personalidade. O(a) formando(a), buscando constantemente essa integração em si mesmo(a), vai colaborando efetivamente para a sua auto-formação.

Uma conclusão, síntese de tudo o que expus acima, fica agora mais evidente: a importância de uma "identidade vocacional". Explico-me: desde o primeiro recrutamento vocacional e em qualquer etapa de Formação, aqueles e aquelas que estão ligados à Pastoral Vocacional e à Formação, devem ter bem claro para si mesmos(as) a questão da identidade de consagrados(as), num determinado Instituto e Carisma religioso.¹⁶ Isso é fundamental para a incorporação definitiva no Corpo do Instituto.

Termino, trazendo para o conjunto dessas preocupações formativas, a recordação lucana sobre Jesus, Formador dos Doze. Numa de suas parábolas sobre a

confiança e perseverança na Oração do discípulo, o evangelista coloca nos lábios de Jesus a seguinte afirmação: "*Se vós que sois maus, sabeis dar boas coisas aos vossos filhos, quanto mais o Pai do céu dará o Espírito Santo aos que o pedirem.*"¹⁷ Nós que estamos sempre buscando e querendo o melhor para os (as) nossos(as) jovens, não podemos esquecer a advertência do Mestre, que sem os dons do Espírito Santo, pouca coisa acontecerá no campo tão complexo da Formação, neste final de Milênio.

Oremos sempre ao Pai do céu, pessoalmente e como fazendo parte de um grupo formativo, para que Ele conceda o Espírito de Sabedoria à Equipe e a cada um(a) de nossos(as) jovens religiosos(as), todos nós conscientes dos desafios a qualquer Educação Cristã, na virada de mais um século.

A "*Estrela da evangelização*", Maria educadora de Jesus, nos conforte e anime com a sua materna assistência, em vista da fidelidade aos serviços a nós confiados.¹⁸

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. Como a formação para a Vida Religiosa, às vésperas do terceiro milênio, se vê desafiada pelos traços característicos dos jovens religiosos e religiosas de hoje?
2. Na realidade concreta da sua Província (Congregação), quais desses quatro aspectos formativos, ou dimensões, têm caráter de prioridade? Porque?

16. Um Provincial jesuíta em artigo intitulado: "*Os desafios que a atual situação nacional e eclesial, apresentam ao nosso apostolado*", viu a necessidade de conclamar seus irmãos jesuítas para uma identidade mais clara e definida. Afirmava que "*a falta de clareza e definição, pode acabar atraindo para a Companhia de Jesus (e eu diria o mesmo de outros Institutos) pessoas de pouco valor humano, moral e intelectual que procuram um refúgio para suas incertezas ou os seus problemas mal resolvidos*". Ivern, Francisco, SJ., In: *Convergência*, no. 316, p.476 lb.

17. Cfr. Lc 11,13.

18. Nunca é demais trazer á baila a figura da mulher que silenciosa e atenta, soube dar espaço em seu coração para o Espírito que a fecundava sempre, em vista de sua missão materna e educativa. Lucas, o evangelista do Espírito Santo e de Nossa Senhora, anotou em seu evangelho esta boa e grata notícia: Lc 1,38; 2,40.51-52; 8,19-21; 11,27-28.

Análise de Conjuntura¹

Outubro de 1999

PE. VIRGÍLIO LEITE UCHÔA
ASSESSOR POLÍTICO DA CNBB

1. ONDE ESTAMOS? MOMENTO INTERNACIONAL

Temores

Duas citações iniciais nos fazem pensar sobre o pano de fundo da atual situação internacional.

A primeira, uma verdadeira síntese analítica e comparativa, quase profética, de dois momentos semelhantes pelas suas apreensões e seus riscos: os anos 20 e 90, ambos críticos para a humanidade.

A outra nos chama atenção para o processo de uma crise em andamento.

As análises mostram sinais de convergência, particularmente no fato de ambos os períodos coincidirem com o apogeu do prestígio do liberalismo.

"A estabilização da moeda se tornara o ponto focal no pensamento político dos povos e governos; a restauração do pa-

drão-ouro era o objetivo supremo de todo o esforço organizado da área econômica. O pagamento dos empréstimos externos e o retorno às moedas estáveis eram reconhecidos como as pedras de toque da racionalidade política. Nenhum sofrimento particular, nenhuma violação de soberania era considerada um sacrifício demasiado grande para a recuperação da integridade monetária. As provações dos desempregados, sem emprego devido à deflação, a demissão de funcionários públicos, afastados sem uma pensão, até mesmo o abandono dos direitos nacionais e a perda das liberdades constitucionais eram considerados um preço justo a pagar pelo cumprimento da exigência de orçamentos estáveis e moedas sólidas, estes a priori do liberalismo econômico."²

1. Texto apresentado na 5ª (IX) Reunião da Presidência e da Comissão Episcopal de Pastoral da CNBB, Brasília, 26 a 28 de outubro de 1999.
2. Karl Polany — *A Grande Transformação: As Origens de nossa época*; Rio de Janeiro, Campus, pág. 147 (a obra foi publicada originalmente em 1944). Cf. "Sessão Reprise", LAFIS, "Pesquisa e Investimento em Ações na América Latina", *Carta Capital*, 13/10/99, pág. 66 — 70. Vale a pena ler toda a matéria. Eis alguns trechos principais. "A semelhança entre 20 e 90 faz com que o trabalho de Polany, publicado em 1944, caia como uma luva à atual situação..." "Após o crash de 29, os EUA elevaram os juros e derrubaram o dólar, devastando os mercados emergentes da Europa Central e América Latina."... "Polany enxergou bem melhor que os marxistas os efeitos terríveis do progresso e do mercado sobre as culturas tradicionais e o meio ambiente."

C O N V E R T I D O E M P U B L I C A

"*Alguns meses após a queda do muro de Berlim, a Conferência das Nações Unidas sobre o Comércio e Desenvolvimento (Unctad) predizia que a década de 90 iria se caracterizar pela frequência, a intensidade e o poder destrutivo das crises monetárias e financeiras.*"³

Assistimos, de fato, nesses últimos anos, a um festival de quebradeiras de países que acreditaram irrestritamente no modelo neoliberal, idealizado pelos propagadores das leis absolutas de mercado para a nova ordem financeira mundial.

Recentemente, no entanto, é a própria matriz que começa a dar sinais de preocupação. O comportamento da economia dos Estados Unidos faz com que os seus maiores expoentes financeiros, como é o caso do todo poderoso Alan Greenspan⁴, se mostrem preocupados. As conseqüências de uma mudança na

economia norte-americana repercutem em todo o sistema financeiro mundial. Uma vez mais ele alertou para a chamada "exuberância irracional".

A supervalorização das ações pode ocasionar uma mudança brusca patrimonial e indica como a economia norte-americana vive fortemente uma realidade muito mais virtual⁵ do que efetivamente real. Essa sobrevalorização é hoje particularmente criada pelas empresas ligadas à Internet. O preço das ações é ditado pelo endereço eletrônico que cria a virtualidade⁶ do mercado.

As quedas⁷ recentes das bolsas nos Estados Unidos, algumas notícias⁸ a respeito do déficit comercial norte-americano e a crescente interferência "da economia financeira na economia real"⁹, "a existência de graves assimetrias na 'livre' movimentação de capitais entre países"¹⁰, apontada pelo Banco Mundial em seu úl-

3. Rubens Ricupero, "Mudança de Discurso", *Folha de São Paulo*, 3/10/99, pág.2-2.

4. "Em 5 de dezembro de 1996, M. Alan Greenspan manifestava sua inquietação a respeito 'da exuberância irracional dos mercados'. Menos sibilina que de costume, as afirmações do presidente do Banco Central americano (FED) provocaram um pequeno pânico. Depois dessa declaração, o índice Dow Jones dos valores industriais aumentou mais de 70%". Cf. Ibrahim Warde, "Dow Jones, Mais Dura Será a Queda", *Le Monde Diplomatique*, outubro de 1999, pág. 28.

5. Há uma longa série de explicações, dadas pelos economistas para explicar e justificar essa "nova economia", temida por Greenspan. Alguns como M. Wayne Angell, antigo governador do Banco Central americano (FED) diz que "não existe uma bolha: simplesmente chegamos à economia da nova era, aquela onde as tecnologias de informação, uma política monetária sadia, alimentam a longo prazo um crescimento não inflacionário". Segundo essa lógica as bolsas ainda estariam sub-valorizadas... Cf. Ibrahim Warde, "Dow Jones, Mais Dura Será a Queda", *Le Monde Diplomatique*, outubro de 1999, pág. 28, citando Wayne D. Angell, "The Bubble Won't Burst", *The Wall Street Journal*, New York, 3 de fevereiro de 1999.

6. "As jovens sociedades da Internet aproveitam de valorizações fantásticas das bolsas para efetuar grandes aquisições". O autor Ibrahim Warde cita o caso recente da Yahoo! ("cujo valor das ações foi multiplicado por 250 em um ano"), mediante uma típica transação virtual caracterizada como "uma transação sobre o papel representante do valor virtual para uma indústria virtual". Comentário feito pelo Financial Times, 8 de abril de 1999, citado por Ibrahim Warde, "Dow Jones, Mais Dura Será a Queda", *Le Monde Diplomatique*, outubro de 1999, pág. 28.

7. "Inflação e Greenspan derrubam N.Y.", Agências Internacionais, *Folha de São Paulo*, 16/10/1999, pág. 2-1. Cf. ainda Mauro Teixeira, "Mercado Vê Mais Turbulência em NY", *Folha de São Paulo*, 17/10/99, pág. 2-1. Cf. também Agências Internacionais, "Temor de Juros Derruba Wall Street", *Folha de São Paulo*, 13/10/99, pág. 2-1. E ainda Oscar Pilagallo, "Pressão Salarial nos EUA Preocupa Mercado", *Folha de São Paulo*, 13/10/99, pág. 2-1.

8. "Com discriminação, duas informações suscetíveis de esclarecer a estrutura do 'milagre americano' acabam de ser comunicadas pelas grandes mídias ocidentais. De um lado, na contra-corrente da tendência mundial, a jornada de trabalho aumentou 4% nos Estados Unidos entre 1980 e 1997. De outro lado, a defasagem das rendas entre o operário da fábrica e o patrão da empresa, que já era de 1 a 42 em 1980, atualmente varia de 1 a 149. Contudo, mesmo que o déficit comercial americano se amplie, o crescimento econômico continua exuberante, e setenta anos depois da crise de 1929, Wall Street bate todos os seus recordes." Cf. Ibrahim Warde, "Dow Jones, Mais Dura Será a Queda", *Le Monde Diplomatique*, outubro de 1999, pág. 28.

timo relatório¹¹, deixa todos os mercados mundiais apreensivos e inquietos.

“Estamos nos orientando em direção da repetição do cenário de 1929?”

Em que sentido é possível reverter esse quadro de apreensões?

Ainda o Social e a Pobreza: Um Pobre Debate?

Como já foi abordado na Análise de Conjuntura anterior¹², instituições multilaterais, tais como o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional (FMI), ensaiam juntas¹³ um “mea culpa” tardio a respeito da pobreza no mundo. Alguns analistas¹⁴ acham, ainda, que se trata de uma resposta política da parte do FMI.

Merecem atenção especial os discursos proclamados recentemente pelos dirigentes dessas instituições, cuja importância e presença, hoje, é decisiva nos rumos da economia brasileira. Eis algumas afirmações¹⁵ significativas.

“O crescimento é essencial, mas não suficiente para assegurar a redução da pobreza.”

“Aprendemos que devemos colocar a pobreza à frente e no centro. Aprendemos que devemos tomar o social e o estrutural junto com o macroeconômico e o financeiro.”

“A globalização pode ser mais que a liberação das forças de mercado global. Pode ser a liberação de nosso esforço e capacidade combinados para atingir soluções globais.”

Apesar de reafirmar sua confiança irrestrita na economia neoliberal pois “... é a evidência da profundidade da globalização e uma viva ilustração dos benefícios da economia de mercado quando sustentada por ação política decisiva e flexível”¹⁶, num tom semelhante se expressa o Diretor do Fundo Monetário Internacional quando afirma ser “ainda urgente a necessidade de ação para a implementação das reformas decididas... em duas direções... de rápida im-

9. “O elemento mais inquietante permanece, contudo, a parte crescente da economia financeira na economia real. A capitalização das bolsas constituía 50% do produto interno bruto americano em 1988, no momento ele constitui mais de 150%. O portfólio da bolsa representa 25% dos ativos dos americanos, 8% apenas em 1984 (The Wall Street Journal, 30 de março de 1999). Em 1997, 43% dos Americanos adultos investiam na Bolsa (contra 21% em 1990). Cf. Ibrahim Warde, “Dow Jones, Mais Dura Será a Queda”, *Le Monde Diplomatique*, outubro de 1999, pág. 28.
10. “Há fortes evidências de que eles não estavam inocentes na deflagração e difusão internacional do crash de 1929 e da crise financeira do início dos anos 30. Setenta anos depois o perigo persiste.” Cf. Luiz Gonzaga Belluzzo, “De Olho nos Capitais Livres”, *Carta Capital*, 29/9/99, pág. 43.
11. Cf. a esse respeito comentário de Paulo Nogueira Batista Jr., “Idéias Fixas e Capitais Voláteis”, *Folha de São Paulo*, 30/9/99, pág. 2-2.
12. Análise de Conjuntura, “Cresce a Pobreza no Mundo”, setembro de 1999, pág. 2.
13. “FMI e Banco Mundial decidem trabalhar em cooperação nos programas econômicos”. Cf. José Meirelles Passos, “Parceria para Reduzir a Pobreza”, *O Globo*, 27/9/99, pág. 17.
14. “Desviar a discussão para novos temas, como a pobreza, alivia a discussão mais séria sobre a eficácia das políticas macroeconômicas do FMI.” Cf. Celso Pinto, “FMI: a Fumaça da Pobreza”, *Folha de São Paulo*, 30/9/99, pág. 1-11.
15. James D. Wolfensohn, Presidente do Banco Mundial, discurso pronunciado perante a Junta de Governadores, Washington, D.C., 28/9/1999.
16. Isto está afirmado no contexto da superação das crises financeiras recentes dos países emergentes. “Essa é, portanto, uma boa ocasião para se perguntar como essa surpreendente rapidez, quase inaudita, carregada de esperanças está se manifestando? Isso é a evidência da profundidade da globalização e uma viva ilustração dos benefícios da economia de mercado quando sustentada por ação política decisiva e flexível.” Discurso de Michel Camdessus, diretor do Fundo Monetário Internacional (FMI), 28/9/99, proferido perante a Junta de Governadores da referida entidade.

plementação: primeiro a reforma do sistema monetário e financeiro internacional; e depois, a ofensiva para erradicar a pobreza e humanizar a globalização¹⁷.

A grande questão que inquieta os analistas, diante das novas posições das instituições multilaterais face à pobreza, é saber como de fato aquelas enfrentarão, na prática, "a necessidade de conduzir simultânea e integralmente as estratégias econômicas e sociais"¹⁸. Há, além disso, temores¹⁹ de que essa nova postura possa atrapalhar a política interna dos países.

Haverá um momento de inevitável conflito, apesar do meritório novo discurso em favor dos pobres. O conflito é inerente à própria índole e metodologia de trabalho de tais instituições, demasiadamente rígidas e burocráticas, face a diversidade e variedade das situações enfrentadas pelos países pobres ou em desenvolvimento.

Quando o social, de fato, se torna prioritário e ético há necessidade de se adotarem políticas flexíveis do ponto de vista orçamentário. A prática demonstra que não é exatamente isso o que pensam o Banco Mundial e o FMI. Com esse novo discurso em favor da superação da pobreza eles agregam uma espécie de código social às regras fiscais, monetárias e

comerciais. São verdadeiros códigos de boa governança aos quais os países devem se submeter, passando por cima de regras jurídicas fundamentais, direitos sociais inerentes à dignidade humana, enfim, praticamente destruindo toda a capacidade de constituir estados autônomos, independentes e democráticos. Essa orientação tem sido sistematicamente vendida aos países em crise ao longo desses últimos anos.

De uma forma sutil parece que todas as preocupações, já levantadas quando da discussão sobre o Acordo Multilateral de Investimentos (AMI)²⁰, voltam à ordem do dia. Como nos alertam alguns economistas, essa é "a parte mais desalentadora do debate da pobreza tanto interno quanto externo, que é a pobreza das idéias em debate"²¹.

A experiência de situações de conflito entre ajuste fiscal e programas sociais, naquilo que é definido pela políticas de tais organizações como prioritário, como no caso do Brasil tem demonstrado que as primeiras verbas a serem cortadas são as da área social.

Por outro lado, foram aquelas mesmas instituições que espalharam pelo mundo as regras fundamentais da economia neoliberal, concretizadas na globalização dessa mesma economia. Os frutos

17. Discurso de Michel Camdessus, diretor do Fundo Monetário Internacional (FMI), 28/9/99, proferido perante a Junta de Governadores da referida entidade.

18. O FMI e a Área Social", comentário inédito de assessores.

19. "Ministros latino-americanos acham que a interferência do Fundo na área social pode atrapalhar política interna". Cf. Daniela Mendes "Países Questionam Posição do FMI", *Correio Braziliense*, 30/9/99, pág. 21.

20. *Brasil — Desafio e Esperança — Análise de Conjuntura*, 36ª Assembléia Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, Edições Loyola, 1998, pág. 31-33, 37-38 e 57-58.

21. Guilherme C. Delgado, "O Debate da Pobreza e Pobreza do Debate", *Boletim da Rede*, Petrópolis, outubro de 1999. O autor dá como exemplo dessa situação a insistência do governo brasileiro em aprovar a Lei de Responsabilidade Fiscal. "Exemplo claro dessa postura é a imposição aqui para nós de uma "Lei de Responsabilidade Fiscal" que preconiza em seu artigo 47 (Projeto de Lei do Executivo) corte automático e linear de todos os gastos orçamentários, excetuados o serviço da dívida pública, a Previdência Social, o Pagamento de Hospitais do SUS, os Gastos de Pessoal e as Transferências Constitucionais. Observe-se que todos os programas de saúde pública, educação básica, reforma agrária, e todos as outras necessidades de prestação de serviços públicos ficam caudatários do corte automático e linear a serviço da dívida." Cf. artigo citado e também "Análise de Conjuntura", setembro de 1999, pág. 5-6.

colhidos dessas normas só fizeram aumentar a pobreza e concentrar a riqueza.

Mesmo essas idéias, que foram condensadas no chamado "*Consenso de Washington*", são questionadas pelo seu ideólogo, John Williamson, em recente entrevista²² onde afirma que "*muitos colocaram coisas no 'Consenso' que não faziam parte do original*".

As instituições do Banco Mundial e do FMI, elas mesmas constataam, assim, em seus relatórios e suas análises, os resultados negativos de tal política e se assustam com as perspectivas presentes e futuras, que podem levar à ruína do próprio capitalismo, cujo caráter regressivo na sua característica global vem "*finalmente sendo analisado criticamente não apenas pela esquerda mas também pela direita*"²³. Já há estudiosos prevendo que, se não forem buscadas alternativas — e elas existem —, a humanidade como um todo atravessará "*anos de convulsões sociais com a agonia do sistema*"²⁴.

É importante, contudo, ressaltar a importância desse novo discurso pois "o grande mérito dos relatórios do BIRD e do FMI é o de revelar o que todas as pessoas com um mínimo de informação e bom senso já haviam de há muito constatado: a imensa pauperização do mun-

do, coetânea à liberalização do capital e da mercadoria"²⁵.

Duas advertências de alguém como Rubens Ricupero servem de alerta. "Não se deve exagerar o alcance prático da mudança, pois a esta altura o que mudou foi o discurso, não a substância das políticas e estas dependem não só do processo sócrático de busca da verdade, mas dos interesses concretos dos poderosos." ... "A pobreza e o subdesenvolvimento só serão superados com os esforços e as políticas corretas dos países vítimas de tais males"²⁶.

Caso Pinochet e Efeitos Colaterais

A jurisprudência que se formou com a decisão do tribunal britânico em extraditar Pinochet cria uma nova situação²⁷ para o direito internacional talvez mais importante do que saber se ele será ou não julgado na Espanha.

A questão da soberania nacional, no caso específico de Pinochet e de outros ditadores, evidentemente já não funciona como garantia de impunidade para crimes contra humanidade. Por outro lado, a decisão mostra claramente que tais questões não podem ficar à mercê de tribunais nacionais, sobretudo das nações mais ricas e poderosas do mundo. Haveria o risco de prevalência da lei do mais forte.

22. Entrevista concedida a Fernando Canzian, "Consenso de Washington foi longe demais, diz seu ideólogo", *Folha de São Paulo*, 3/10/99, pág. 1-13.

23. Maria da Conceição Tavares, "Capitalismo Regressivo e Ideologia", *Folha de São Paulo*, 24/10/99, pág. 2-2. A autora comenta as idéias do brilhante conservador inglês John Gray, expostas em seu livro *Falso Amanhecer*, Ed. Record, 1999.

24. Gustavo Ioschpe, "A Rufna do Capitalismo", *Folha de São Paulo*, 17/10/99, Cad. Mais!, pág. 5-9. O autor entrevista o sociólogo americano Immanuel Wallerstein que afirma a urgência e necessidade de mudança de sistema e de estrutura pois "*como todos os dados mostram, nós estamos mais polarizados do que nunca em 1999. A diferença entre os que estão no topo e os que estão embaixo é a maior que já houve. E isso nunca será solucionado dentro do sistema, senão você não poderia acumular capital*".

25. Guilherme C. Delgado, "O Debate da Pobreza e Pobreza do Debate", *Boletim da Rede*, Petrópolis, outubro de 1999.

26. Rubens Ricupero, "Mudança do Discurso", *Folha de São Paulo*, 3/10/99, pág. 2-2.

27. Newton Carlos, "Além de Pinochet", *Correio da Cidadania*, Semana de 16 a 23 outubro de 1999, pág. 4. O autor mostra como coisas inimagináveis começam acontecer. Militares no Chile já aceitam sentar na mesa de discussão com vítimas do regime ditatorial. A Justiça chilena fica menos submissa, prende generais e abre processos contra Pinochet. Abrem-se discussões sobre a culpa dos Estados Unidos na tragédia chilena. Aparecem documentos esclarecedores.

C O O P E T O B S E R V A T O R I O

É urgente que haja um consenso internacional para que se apresse a concretização de "um tribunal internacional democraticamente constituído sob a égide da Organização das Nações Unidas (ONU) e que funcione sem a preponderância de nenhum país"²⁸, capaz de julgar esse caso específico e outros futuros.

Parece também que essa decisão da corte londrina, independentemente do seu desfecho, já produz efeitos colaterais.

O fato é que "não se sabe porque cargas d'água a justiça chilena, depois de vergonhosa submissão, começou a funcionar em relação aos crimes da ditadura"²⁹.

Começam a aparecer na imprensa³⁰ fatos comprovando que os Estados Unidos não só apoiaram, mas também ajudaram a ditadura do general Pinochet a realizar ações que feriram os direitos humanos de opositores do seu regime.

MOMENTO NACIONAL

As Marchas Populares

As marchas populares nem sempre se medem pela quantidade de mobilização de pessoas nem pelos efeitos de impactos que possam ter na opinião pública.

O clima político do país, principalmente o oficial, despreza toda e qualquer iniciativa de mobilização popular. O pensamento hegemônico veiculado constantemente pela mídia, quando não ridiculariza, menospreza ou não dá o devido destaque aos modernos "exércitos de Branca Leone".

A recente marcha dos sem-terra do Rio de Janeiro até Brasília, passando por várias cidades, foi um exemplo das afirmações anteriores. É uma resistência política importante que deve ser medida pela qualidade das suas preocupações e não pelos seus resultados imediatos.

O objetivo a ser alcançado pela recente marcha não era o de reunir uma grande multidão na Esplanada dos Ministérios em Brasília. Para os seus organizados

res, a idéia foi "desenvolver uma nova prática política de relacionamento com o povo, através da pedagogia do exemplo"³¹.

Trata-se, então, de ir em busca de uma estratégia política silenciosa, mediante ampla mobilização popular para manter acesa a perspectiva de um projeto genuinamente nacional, rompendo definitivamente com toda e qualquer tentativa de transformar o país numa colônia³².

O importante tem sido afirmar o caráter de essas marchas se constituírem em uma contínua consulta popular, amplamente aberta aos diversos partidos políticos e movimentos sociais, naturalmente sintonizados com as aspirações do povo.

Aposentados e Previdência Social

O governo insiste em levar à frente o seu propósito de cobrar dos funcionários públicos inativos e de elevar a contribuição dos ativos, apesar das decisões do Supremo Tribunal Federal (STF) declaran-

28. Hélio Doyle, "Pinochet é Criminoso, Mas é Bom Ter Cuidado", *Correio Braziliense*, 10/10/99, pág. 6.

29. Newton Carlos, "Efeito Pinochet", *Correio da Cidadania*, semana de 2 a 9 de outubro de 1999, pág. 4.

30. Javier del Pino, do El País de Madri, "EUA Ajudaram Ditadura Chilena", tradução do *Correio Braziliense*, 10/10/99, pág. 6.

31. "Oposição precisa de projeto estratégico, afirma Stédile", entrevista concedida ao *Correio da Cidadania*, semana de 2 a 9 de outubro de 1999, pág. 1; 6-7.

32. "Oposição precisa de projeto estratégico, afirma Stédile", entrevista concedida ao *Correio da Cidadania*, semana de 2 a 9 de outubro de 1999, pág. 1; 6-7.

do a inconstitucionalidade da cobrança. Esta foi uma segunda investida do governo numa ação³³ de iniciativa da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), julgada no Supremo Tribunal Federal (STF).

É evidente que a questão da previdência encobre privilégios. Porém o caminho não é o de insistir em passar por cima das leis constitucionais. A lógica hegemônica do mercado, que tudo reduz ao princípio do dinheiro como sendo o regulador de todas as decisões faz com que se esqueçam os ordenamentos jurídicos fundamentais, base da democracia e sadia convivência entre cidadãos e governantes.

Vale a pena recordar o que já foi dito em outra "Análise de Conjuntura"³⁴ a respeito da verdadeira causa do rombo da Previdência Social. A raiz dos desequilíbrios está em que os inativos da União, dos Estados e dos Municípios recebem do fundo geral dos contribuintes que efetivamente pagam e recebem proporcionalmente às contribuições feitas.

O restabelecimento, porém, da igualdade dos direitos universais dos benefícios da Previdência Social não se fará

passando por cima de princípios éticos e constitucionais³⁵, nem elegendo a res-
tauração do caixa governamental como princípio absoluto, nem taxando de "loucos" os juizes do Supremo Tribunal Federal, como fez a imprensa³⁶ internacional, alinhada com o pensamento hegemônico e seguida de perto pela mídia nacional.

É bom lembrar o que foi dito na referida "Análise" anterior. Ali se destacava onde estavam as injustiças pois, naquela ocasião, início dos debates sobre a reforma previdenciária no Congresso Nacional, também não se discutia ainda *"eticamente a necessidade de contribuições, mais equilibradas, da alta burocracia do Estado, correspondente aos valores dos seus benefícios"*. Em toda essa discussão atual, o governo continua insistindo em resolver os problemas imediatos de compromissos financeiros com o Fundo Monetário Internacional e submissão incondicional às leis do mercado financeiro, passando por cima de *"princípios éticos universais"*, sem prestar atenção *"para as novas situações, protegidas as anteriores pelo direito adquirido."*³⁷

33. "A ação julgada pelo STF foi de iniciativa da Ordem dos Advogados do Brasil como instituição. Alguém, em toda a mídia (arrghh) brasileira, imaginaria que o conselho da OAB tivesse uma iniciativa apenas leviana, para beneficiar apaniguados, como disse da decisão a tolice, mais uma, do ministro Pedro Parente?" Cf. Jânio de Freitas, "A Verdadeira Ficção", *Folha de São Paulo*, 3/10/99, pág. 1-5.

34. *Análise de Conjuntura*, outubro de 1997, pág. 6: "Do ponto de vista do equilíbrio orçamentário, o subsistema do INSS apresenta-se praticamente equilibrado em 1996, com uma receita de contribuições pouco menor (40,0 bilhões), enquanto que o subsistema de "inativos e pensionistas da União" arrecadou apenas 2,6 bilhões dos 17,1 bilhões que gastou com pagamento de benefícios, gerando um montante de encargos previdenciários da União da ordem de 15,0 bilhões. Esta situação ocorrida em 1996 projeta-se crescentemente desequilibrada para o futuro, se forem mantidas inalteradas as regras atuais."

E ali ainda estava escrito que "...o foco atual das discussões praticamente se deslocou para fora do subsistema da Previdência Social, onde está a maior injustiça. Elegeu-se como prioridade a diminuição do déficit público nos regimes de inativos do funcionalismo público federal e estadual."

35. "Além disso, declarada a inconstitucionalidade da legislação atual, não será qualquer reforma que atingirá finalidade válida. Para manter o regime constitucional da Previdência, é necessário ajustar a emenda à letra e ao espírito da Constituição, quanto aos seus dispositivos abrangentes da matéria. É preciso ver que, ao lado das normas específicas, relativas ao assunto, há princípios fundamentais da Constituição, nos seus artigos 1º e 3º." Cf. Josaphat Marinho "Conveniência e Legitimidade", *Correio Braziliense*, 23/10/99, pág. 23.

36. Foi assim que se manifestou o jornal inglês *The Economist*.

37. *Análise de Conjuntura*, outubro de 1997, pág. 7.

Fim da era da Libertação³⁸ ou Começo de uma Grande Síntese?

O povo acorreu em massa às festividades de Nossa Senhora Aparecida, dia 12 de outubro, tanto no espetáculo realizado sob os auspícios da Arquidiocese do Rio de Janeiro no Estádio do Maracanã, quanto na Basílica Nacional de Aparecida. A presença do povo em outros lugares onde houve celebrações, como foi o caso de Brasília, também foi significativa. O destaque, porém, fica com as celebrações de alcance nacional. São elas o objeto da presente análise.

A multidão foi quase incalculável, com grande destaque da mídia pela presença marcante dos novos líderes religiosos, especialistas da "estética do movimento"³⁹. Há, também, nessa nova configuração, um atualizado processo de arrebatamento e evangelização católica, onde é forte o apelo emocional e marcante a importância da imagem e da mídia eletrônica.

Vivemos, cada vez mais talvez, acontecimentos religiosos fortemente potencializados pela mídia, pelo marketing e pelo processo democrático instaurado no país.

A preocupação da Igreja Católica com as massas não foi uma questão assim obscurecida no passado. Muitos analistas se apressam em apresentar o presente movimento como uma espécie de tábua de salvação, como se agora essas manifestações fossem "a grande saída para a igreja nesse momento porque atraem mais fiéis". Talvez se esqueçam dos Congressos Eucarísticos Nacionais dos anos 30 e 40 e do grande acontecimento que

foi Congresso Eucarístico Internacional em 1955, liderado por Dom Hélder Câmara, em outro estilo, mas também como um grande condutor de espetáculos de massa.

Há evidente inquietação entre os especialistas em religião e pastoral sobre esse novos fenômenos. Discutem-se entre preferências emocionais ou racionais, entre personalismos e coletividade. Todos, porém, poderiam se perguntar quais são os desafios permanentes da obra final de fixação do compromisso cristão.

Cada momento histórico tem as suas ênfases, mas não se pode perder de vista a dimensão da vida humana na sua totalidade. A vida é tudo ao mesmo tempo: emoção e razão, compromisso e fraqueza, luzes e trevas, social e pessoal.

A questão chave para se refletir deveria ser: qual é a relação entre a emoção e razão, entre participação e compromisso, entre ser acolhido na sua individualidade e ser capaz de assumir pessoalmente, como ator, todo o processo de amadurecimento da sua religiosidade?

Estes são os elementos básicos para a configuração de uma religiosidade adulta, capaz de enfrentar todas as alienações, superar os sectarismos e as ideologias.

Tudo isso são conquistas dentro de momentos históricos definidos. Cada momento, com o que nele é marcante de modo específico, traz a sua contribuição própria. Cada etapa, certamente, contribuiu e contribuirá para enriquecer uma longa caminhada, um verdadeiro processo que pode garantir a renovação e a transformação Igreja Católica nesses últimos e nos próximos anos.

38. Cf. Otávio Frias Filho, "Réquiem Para a Libertação", *Folha de São Paulo*, 21/10/99, pág. 1-2.

39. Patrícia Andrade e Patrícia Zorzan, "Renovação Carismática Ganha Espaço na Igreja Católica", *Folha de São Paulo*, 17/10/99, pág. 1-6.

Tudo isso não acontecerá como sendo um grande passo de mágica. O avanço do processo dependerá da lucidez em entender o que está em andamento não apenas na superfície das reações e das emoções.

Qualquer que seja a estética adotada, as religiões — e em particular o catolicismo em nossa terra — não podem deixar de pensar nos homens e mulheres como um todo vivo, angustiados e perplexos, num país onde tudo pode se transformar, de repente, em mercadoria e dinheiro, usufruído e manipulado em benefício de poucos.

Podemos estar enganados, mas não é gratuito o interesse dos grandes conglomerados da mídia nacional em dar ênfase ao espetáculo emocional do novo catolicismo, que nos pode fazer esquecer os grandes problemas nacionais.

2. EM SÍNTESE, ONDE ESTAMOS?

Os rumores de mudanças internas na economia norte-americana deixam inquieto o mercado financeiro. A sobrevalorização dos ativos financeiros causam apreensão em virtude da grande distância que vai se criando entre a economia real e a economia virtual. Gasta-se, na verdade, na suposição da existência de valores que não são reais.

Repetem-se situações semelhantes à grande quebra de 1929. A semelhança coincide, em ambas ocasiões, com o apogeu das idéias liberais.

Grandes instituições multilaterais, como o Banco Mundial e Fundo Monetário Internacional, aliam-se em parceria contra a pobreza. O novo discurso se, de um lado, é promissor, do outro, pode causar apreensões.

Assim o fizeram, em passado recente, pela omissão da imagem do que se passava de novo na Igreja nos anos 60 e 70. Naquele momento crítico, o "status quo" era fortemente questionado e a Igreja se empenhava em falar como voz dos sem voz.

Agora o fazem a fim de exaltar o que lhes convém para a manutenção do pensamento hegemônico, que prefere adiar mudanças e críticas à nova ordem econômica preconizada pela globalização equivocada, concentradora de riqueza, incrementadora de pobreza e exclusão, e destruidora de valores éticos mais permanentes.

Será que estaremos, nesse momento, unidos e atentos o suficiente para não nos deixarmos enganar pela emoção, pela estética pura ou pelos números?

Será que estaremos unidos no discernimento de uma grande síntese que se faz necessária?

Os métodos utilizados para a criação da pobreza se solidificam e a eles se incorporam as regras sociais de uma boa governança, divulgadas e estimuladas pelas próprias instituições que as criam. Com isso sobram poucas iniciativas locais, verdadeiramente independentes e criativas.

O novo discurso e a nova parceria podem ser apenas uma cortina de fumaça a encobrir as reais políticas causadoras da pobreza.

A jurisprudência formada com a decisão dos juízes ingleses no caso Pinochet talvez seja mais importante do que saber se o mesmo será ou não julgado na Espanha. Tal jurisprudência joga por terra o mito de uma soberania nacional que encobre crimes contra a humanidade, mas urge, cada vez mais que se crie



Objetivo Geral

Sensível aos 'sinais dos tempos', em criatividade fiel ao Evangelho segundo os carismas fundacionais, em atuação intercongregacional parceria com leigos e leigas, dentro da comunhão eclesial,

A CRB SE PROPÕE A ANIMAR UM PROCESSO DE REFUNDAÇÃO DA VIDA RELIGIOSA, enraizado na *mística evangélica* que brota da ternura e compaixão de **Deus Pai e Mãe** vivido em *missão inculturada* sob o dinamismo do **Espírito**, e em *presença solidária* entre os pobres, no seguimento de **Jesus Cristo** para a transformação social, em vista do Reino

Linhas inspiradoras:

- 1) Espiritualidade integradora de diversas dimensões da vida e geradora de compromisso;
- 2) Experiência de discipulado no processo formativo;
- 3) Diálogo com os diferentes sujeitos culturais;
- 4) Inculturação do ser e da missão da Vida Religiosa;
- 5) Solidariedade cristã nas questões de gênero, etnia, exclusão e meio ambiente;
- 6) Solidariedade profética e qualificada;
- 7) Vida comunitária personalizada e participativa;
- 8) Juventude e futuro.

Que Maria, Mãe e Companheira, e todas aquelas e aqueles que, sensíveis aos 'sinais dos tempos', nos precederam na caminhada, fortaleçam nosso empenho e criatividade fiel.